

**Gênero e Violência: A Produção de Sentido Entre Homens Autores de Violência Contra
Mulheres**

Aline Fiorenza Loureiro

Brasília

Junho, 2018

**Gênero e Violência: A Produção de Sentido Entre Homens Autores de Violência Contra
Mulheres**

Aline Fiorenza Loureiro

Monografia apresentada à Faculdade de Psicologia do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB como requisito parcial à conclusão do curso de Psicologia.

Professor-orientador: Leonardo Cavalcante de Araujo Mello

Brasília

Junho, 2018

Agradecimentos

Agradeço ao meu pai e à minha mãe, Claudiana e Mário, por todo o esforço. Eu nunca teria conseguido se não fosse pelo investimento que, obviamente, não começou aqui, vem desde muito cedo, e não envolve apenas tempo e dinheiro, envolve dedicação, afeto e respeito. Agradeço principalmente por estes três últimos. Também sou grata aos meus irmãos, Júnior e Henrique, por serem tão amáveis e compreensivos e sempre me ajudarem a administrar o tempo escasso.

Gratidão ao meu professor-orientador Leonardo Mello, definitivamente a melhor pessoa que eu pude escolher para me orientar no desenvolvimento desta monografia. Agradeço pela disponibilidade, pela compreensão, pelas sugestões, e por não permitir que o desespero tomasse conta, por transmitir serenidade.

Obrigada às “4 A’s”, Karina, Cris e Naíra, o grupo de amigas que se aproximou no começo dessa graduação e seguiu até o final, sempre por meio do apoio mútuo. Sem elas eu provavelmente não teria chegado até aqui, ao menos não da forma como cheguei.

Gratidão aos amigos e à minha terapeuta, Laís, sempre tão compreensivos e dispostos a ouvir os desabafos nos momentos de frustração e de alegria ao decorrer do ano.

Obrigada aos professores que foram tão importantes na jornada da graduação, que serviram como inspirações para chegar até aqui. Obrigada ao parecerista, Lucas Amaral, pelas sugestões pertinentes que em muito contribuíram para os aprimoramentos necessários no desenvolver da monografia.

Um obrigada geral para todas as pessoas que participaram de alguma forma da minha vida nesse último ano, pois acredito que cada pequena experiência serviu para o desenvolvimento pessoal, que influenciou diretamente na elaboração da monografia que agora apresento.

Sumário

Resumo	iv
Introdução	1
Fundamentação Teórica	4
1. <i>Sexo e Gênero</i>	4
2. <i>Masculinidade</i>	8
3. <i>Violência</i>	12
4. <i>Produção de Sentido</i>	16
Método	19
<i>Sujeitos de pesquisa</i>	19
<i>Instrumentos e Procedimentos</i>	20
<i>Análise das Informações Construídas</i>	21
<i>Considerações Éticas</i>	22
Resultados e Discussão	23
1. <i>Sentimentos envolvidos</i>	23
1.1 <i>Motivações</i>	24
1.2 <i>Vergonha e arrependimento</i>	27
1.3 <i>Injustiça</i>	30
2. <i>Masculinidade e feminilidade</i>	32
3. <i>Violência</i>	41
4. <i>Minhas impressões</i>	48
Considerações finais	56
Referências.....	59
Apêndice 1 – TCLE	62

Resumo

Esta monografia tem como objetivo analisar os sentidos sobre gênero produzidos por homens autores de violência contra a mulher, trazendo à tona uma discussão sobre gênero e masculinidades fundamentada principalmente no construcionismo social e na abordagem histórico-cultural para a compreensão da produção de sentido. Para esta análise, foi realizada pesquisa qualitativa, tendo como base para a análise das informações construídas a formação de categorias de conceitos capazes de agrupar ideias e expressões surgidas durante a pesquisa. Os sujeitos participantes foram três homens que já foram autores de algum tipo de violência contra a mulher, e que no momento da realização da pesquisa participavam de grupos reflexivos para autores de violência por determinação judicial, como medida socioeducativa. Os procedimentos utilizados para entrar no campo foram observação dos encontros do grupo, diário de campo e entrevistas individuais. Com isso, quatro categorias foram montadas: Sentimentos envolvidos, trazendo as motivações para o ato de violência e os sentimentos posteriores ao ato; Masculinidade e feminilidade, trazendo o sentido dado pelos participantes ao gênero feminino e ao gênero masculino; Violência, trazendo a produção de sentido dos participantes sobre o fenômeno da violência; Minhas impressões, com as impressões da autora do trabalho que não se encaixavam nas outras categorias. Por fim, foi possível observar que a forma de perceber o papel masculino e o papel feminino entre os participantes ainda se encontra bastante arraigada nas noções históricas sobre as obrigações de cada um de acordo com seu sexo, e que isso influencia em alguma medida nas atitudes tomadas pelos homens e na sua forma de produzir sentido sobre grande parte dos fenômenos que vivenciam.

Palavras-chave: Masculinidades, violência contra a mulher, gênero, produção de sentido, construcionismo.

Introdução

Esta monografia tem como proposta realizar uma discussão sobre gênero e violência contra a mulher na perspectiva de homens autores de violências contra mulheres, em cumprimento de medida judicial. Os conceitos de gênero, masculinidades, violência e produção de sentido serão as diretrizes para as discussões aqui trazidas. O conceito de gênero, que é bastante amplo, será entendido como as diferenças entre o masculino e o feminino, que são naturalizadas na sociedade e geram uma expectativa desde antes do nascimento da criança sobre a forma como ela deve se portar baseada no sexo identificado, oferecendo desde então um padrão que não considera suas individualidades e sua possível não identificação (Mendes, Silva e Souza, 2017). Autoras como Butler (2003), Louro (1997) e Machado (2005) analisam que esses padrões foram construídos sobre a naturalização das diferenças do sexo, que eram dadas como naturais. Assim, falava-se no gênero como a construção social sobre o sexo biológico, que seria o que ditaria as diferenças naturais. Entretanto, para as referidas autoras, o sexo não é algo completamente livre por si só de constructos sociais, pois é a forma como as pessoas valorizam o sexo que dita as características que são consideradas como masculinas e femininas. Dessa forma, a dualidade entre o feminino e o masculino não é algo completamente natural, mas sim algo que foi naturalizado por meio de construções históricas e sociais (Butler, 2003; Louro, 1997; Machado, 2005).

Levando em conta que os participantes da pesquisa desenvolvida neste trabalho são homens autores de violência, optei por focar a fundamentação teórica principalmente sobre a ideia de masculinidade. Tomando com bases principais as ideias de Suárez & Arroyave (2009), Bourdieu (2014), Connel (1997) e Machado (1998) a masculinidade será compreendida como a construção social daquilo que se espera do homem, sendo que essa

construção perpassa principalmente as esferas emocional, corporal e sexual. A construção da masculinidade gira em torno de uma forma hegemônica, mas não é um processo homogêneo por ser construído dialogicamente, no encontro com instituições, forças culturais e sociais, e também influenciado pela perspectiva individual de cada um.

Levando em conta que a masculinidade é comumente associada à competição e à violência, e que homens se envolvem em atos de violência em números maiores que mulheres (Souza, 2005), desenvolverei também um pouco da perspectiva teórica sobre violência, compreendida como um fenômeno social e cultural cujas manifestações podem ser, muitas vezes, associadas a formas de exercer a masculinidade. Utilizarei os termos violência contra as mulheres e violência de gênero ao decorrer do trabalho, compreendidos como o mesmo fenômeno, que ocorre não apenas pelas características de exercício da masculinidade que estão relacionadas à violência, mas também devido às formas de perceber o exercício da feminilidade (Schaiber, D'Oliveira, Falcão & Figueiredo, 2005). Trabalharei também sobre a ideia de violência simbólica desenvolvida por Bourdieu (2014).

Já para o desenvolvimento da ideia de produção de sentido, utilizei a perspectiva construcionista com base em Spink e Medrado (2013) e a perspectiva do enfoque histórico-cultural de Vygotsky, explicada por Duqueviz (2017).

A escolha do tema deu-se devido à sua ampla relevância social, mediante os altos níveis de violência contra a mulher no Brasil. Conforme pesquisa realizada em março de 2017 pelo Datafolha¹, uma a cada três mulheres haviam sofrido algum tipo de violência no ano anterior, sendo que a cada hora 503 mulheres brasileiras eram vítimas de algum tipo de violência física, e 40% das mulheres acima de 16 anos sofreram algum tipo de assédio. Segundo Waiselfisz (2015) a taxa de mulheres vítimas de homicídio no Brasil em 2013 era de

¹ <https://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/> acessado em 10/01/2018.

4,8 para cada 100 mil mulheres, tendo um acréscimo de 111,1% em relação às taxas apresentadas no ano de 1980. De 2003 para 2013 houve um aumento de homicídios de mulheres, totalizando 21% a mais uma década depois. Os números de 2013 apontavam 13 homicídios femininos diários.

Esses dados revelam a importância de falar sobre o assunto, e principalmente, de se pensar sobre formas de atuação que visem diminuir a frequência desses acontecimentos. Levando-se em conta que para agir de maneira preventiva é necessário conhecer as motivações que levam as pessoas a tomarem certas atitudes, considera-se de grande importância conhecer os sentidos produzidos pelo autor da violência sobre seu ato.

Assim, o objetivo deste trabalho é realizar uma análise com relação aos sentidos produzidos sobre gênero, masculinidades e violências contra mulheres por homens autores de violência de gênero, buscando compreender de que forma esses sentidos influenciaram no ato de violência, analisar as suas percepções sobre violência e sobre gênero, e conhecer os sentimentos e motivações envolvidos no ato.

Fundamentação Teórica

Para melhor fluidez da leitura, optei por separar em tópicos os principais conceitos a serem desenvolvidos teoricamente para embasar este trabalho. Buscarei desenvolver primeiramente as bases teóricas tomadas para a ideia de gênero/sexo que norteia as reflexões desenvolvidas. Posteriormente, serão fundamentadas as ideias de masculinidade e as ideias sobre violência, e por fim, desenvolverei o pensamento sobre produção de sentido.

1. Sexo e Gênero

Desde antes do nascimento de uma criança, sua família e a sociedade em geral criam expectativas sobre seus futuros gostos, comportamentos e modos de agir baseados em uma ideia prévia sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. A palavra gênero, em uma de suas diversas facetas, pode ser utilizada para identificar e diferenciar homens e mulheres na sociedade, e os comportamentos sociais preestabelecidos para homens e mulheres, convencionados desde antes do nascimento de uma pessoa, podem ser chamados de papéis de gênero. Espera-se que as pessoas sigam à risca esses papéis, sem levar em conta a possibilidade de elas não se identificarem com o esperado. Afinal, esta definição está completamente enraizada na sociedade, tendo sido construída ao longo da história da humanidade por meio de discursos e ideologias de dominação (Mendes, Silva e Souza, 2017).

Safiotti (2004), uma das autoras brasileiras da atualidade que trabalham com a temática relacionada ao gênero, concebe o conceito de gênero como uma categoria histórica, que é desenvolvido de diversas maneiras por diferentes autoras, mas que, simplificando um termo bastante amplo, há um consenso mais ou menos geral de que ele engloba a construção social naturalizada sobre o que é masculino e o que é feminino.

Essa naturalização assegurou que o conceito de gênero passasse, durante muito tempo na história, sem ser questionado. Começou-se a problematizá-lo a partir do final da década de

1960, na denominada “segunda onda” do feminismo, quando o movimento se voltou também para construções teóricas e adentrou o mundo acadêmico. Estes estudos possuíam, principalmente, um caráter político, problematizando assim as questões de objetividade e neutralidade que costumavam ser o pilar do saber científico. Nesse momento, passa-se a diferenciar os conceitos de gênero e sexo biológico, enfatizando as construções sociais e históricas produzidas sobre as características biológicas ao invés de a biologia por si só. Assim, inicia-se uma observação mais plural com relação a este conceito (Louro, 1997).

Entretanto, os diferentes conceitos de gênero e suas definições também passaram a ser objetos de questionamento a partir do momento em que se percebeu que o sexo biológico por si só não era algo totalmente neutro e livre de construções sociais (Louro, 1997). Então, por meio de autoras como Butler (2003) passou-se a ser questionada também a noção de estabilidade do conceito de sexo biológico.

Gênero pode ser considerado como uma noção produzida e mantida em um determinado contexto político e cultural que deve ser levado em consideração para se tentar compreender o seu significado. Assim, a noção de gênero não pode ser considerada como algo coerente e consistente. Entretanto, não apenas o conceito de gênero deve ser problematizado dessa forma, mas também aqueles conceitos que o envolvem, como o de sexo, que é um dos pilares centrais no desenvolvimento teórico da ideia gênero (Butler, 2003).

A respeito disso, Butler (2003) argumenta que originalmente a distinção entre sexo e gênero era tomada como se o sexo, por ser biológico, fosse algo dado e natural, enquanto o gênero era concebido como uma construção cultural independente do sexo e, portanto, menos rígida. Contudo, a referida autora questiona sobre como e por que meios o sexo pode ser dado, abrindo espaço para uma análise sobre a história do sexo, sobre como estabeleceu-se

sua dualidade e naturalidade. Assim, ela conclui que a concepção do gênero como construído socialmente contribui para a reprodução de uma ideia do sexo como algo neutro sobre o qual age a cultura, sendo essa uma das maneiras pelas quais a estrutura binária é mantida, livre de questionamentos (Butler, 2003).

Dessa forma, é importante pensar que não são necessariamente as características do sexo que ditam o que pode ser considerado como masculino e como feminino, mas a forma como essas características são valorizadas pelas pessoas (Louro, 1997).

Machado (2005), em sua pesquisa com crianças e jovens *intersex*², traz uma perspectiva semelhante à de Butler (2003) e à de Louro (1997) com relação a sexo e gênero, tomando como pressuposto a compreensão de que o sexo, tanto quanto o gênero, é culturalmente construído. A nomenclatura do sexo é influenciada pelos valores da pessoa que o observa, portanto, “o sexo é, desde sempre, marcado pelo gênero” (Machado, 2005, p. 254). Assim, a matriz binária de gênero não é algo da natureza, e sim uma dicotomia aprendida (Machado, 2005).

De forma semelhante, Bourdieu (2014) trata da diferença entre os sexos como sendo socialmente construída. O autor traz à tona a ideia de esquemas de pensamento que registram as diferenças existentes objetivamente entre os corpos, como a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, e a partir de então passam a naturalizá-las, contribuindo para a sua existência e perpetuação. Dessa forma, as diferenças biológicas e anatômicas passam a ser percebidas de maneira mais intensa devido ao seu uso como justificativa para as divisões e diferenciações entre o masculino e o feminino, estabelecendo-se uma relação circular que se encerra na evidência das relações de dominação entre os gêneros, formadas sobre divisões objetivas e esquemas cognitivos que regulam a percepção das divisões objetivas (Bourdieu, 2014).

² As crianças consideradas como *intersex* no artigo citado, são aquelas que nascem com a genitália externa ou interna que não é claramente masculina nem claramente feminina (Machado, 2005).

Segundo Boris (2011) a naturalização do domínio masculino sobre o feminino vem desde a antiguidade, com a consideração do homem como o único modelo adequado de cidadão digno e de humanidade, instaurando-se assim o modelo patriarcal, de homens, para homens. Este modelo perdurou por um longo período da história da humanidade, e alguns autores acreditam que atualmente ele se encontre em desconstrução. Ainda assim, suas configurações permanecem nos dias atuais, por meio de estereótipos que são prejudiciais não apenas para as mulheres (Boris, 2011; Andrade, 2004). Atualmente existe uma maior problematização com relação aos prejuízos e danos que o exercício da “superioridade” masculina traz também para os homens (Louro, 1997).

Nesta monografia, portanto, o Patriarcado é compreendido como um sistema cultural que direciona a criação e a socialização dos homens e das mulheres, bem como suas formas de se relacionar, pautado na ideia de superioridade do homem sobre os demais, designando a ele todas as práticas de autoridade. Na cultura ocidental, a origem do patriarcado está relacionada principalmente à tradição judaico-cristã, tendo um homem como o criador do mundo que fez outro homem a sua imagem e semelhança e a ele deu o poder de nomear e ordenar as coisas do mundo; e também na tradição grega, que fornecia aos homens adultos o poder de patriarca sobre as mulheres, crianças e escravos de seu grupo, bem como o privilégio de participar das decisões políticas (Suárez & Arroyave, 2009).

Este sistema funciona como base para as formas de as pessoas se portarem na sociedade de acordo com o seu sexo. Assim, existe uma construção, influenciada pelo patriarcado, sobre como os homens devem agir diante de todas as situações, e essa construção será explorada no tópico a seguir.

2. Masculinidade

A masculinidade diz respeito a um conjunto de práticas e ideias que são consideradas como próprias a uma pessoa que nasce com o “sexo masculino”, e por meio das quais a criança é educada e socializada para se tornar aquilo que se considera como “homem”. Essa socialização se dá por meio da família, de seu meio social (escola, bairro), dos meios de comunicação aos quais tem acesso, e pelas diretrizes ideológicas que segue, como a religião, a cultura, a visão política e as tradições. São as influências mútuas desses contextos que estabelecem atitudes e papéis que devem ser performatizados por alguém do sexo masculino e que guiam a construção de masculinidade, que passa pelas esferas emocional, corporal e sexual (Suárez & Arroyave, 2009).

No plano emocional, a masculinidade pode se constituir por meio da liberdade para o exercício de autoridade e para demonstração de raiva, e restrição a sentimentos socialmente reconhecidos como femininos, como sensibilidade, empatia, medo, compaixão (Suárez & Arroyave, 2009). Segundo Boris (2011), essa constituição se dá em um processo de identificação e de diferenciação, no qual se espera que o menino se diferencie das características femininas com as quais, biologicamente, inicia sua vida, enquanto embrião humano, e segue nos anos posteriores, sob os cuidados maternos. Ele deve resistir à identificação com esses cuidados femininos atrativos. Caso o menino entregue-se aos cuidados maternos, ele pode passar a ser reconhecido como “dependente, infantil e feminino”, de forma que ele deve optar pelo modelo oferecido pelo pai, “duro, distanciado e frio”. Portanto, a masculinidade seria “muitas vezes, uma construção reativa, defensiva, dolorosa e violentamente alcançada, mas também intensamente desejada pelos homens” (Boris, 2011, p.380). Bourdieu (2014) fala sobre os ritos de instituição, que são formas de diferenciação entre o masculino e o feminino por meio da proibição ou desencorajamento de práticas que não são relacionadas ao seu sexo. Inúmeros desses ritos iniciam-se desde o

nascimento, por meio de diferentes instrumentos que visam separar o menino de tudo que pode ser relacionado ao universo feminino de sua mãe, virilizando-o. A busca por se diferenciar das características femininas causa grandes fragilidades na vida íntima e emocional de muitos homens, que não conseguem lidar de maneira assertiva com seus problemas (Suárez & Arroyave, 2009).

Quanto à esfera corporal, Connel (1997) aponta que o gênero é a prática social dirigida aos corpos e, por isso, a masculinidade é vivida no corpo, em posturas, tensões musculares, até mesmo na forma de se manter em pé. Essas disposições corporais são aparentemente naturais, dispensam justificativas, são vistas como a maneira única do homem de se portar diante da sociedade, uma vez que ele é governado pelas imposições de nobreza e de honra (coragem física, generosidade) que moldam suas posturas corporais e seus movimentos. Assim, o corpo masculino é repleto de posições rígidas e de zonas proibidas, com resistências inúmeras, especialmente relacionadas à afetividade e à demonstração de emoções. Suas permissões são geralmente limitadas às expressões de raiva e ao sexo genitalizado (Bourdieu, 2014; Suárez & Arroyave, 2009).

A respeito da construção sexual da masculinidade, é possível observar a existência de um imaginário da sexualidade masculina como “aquela que tem a iniciativa e que se apodera unilateralmente do corpo do outro” (Machado, 1998, p. 234). Existe uma ideia de que, naturalmente, o homem possui um “imediatismo sexual” que precisa ser constantemente satisfeito, e que por isso os corpos de mulheres devem estar disponíveis para que haja a satisfação de seu desejo (Suárez & Arroyave, 2009). A sexualidade feminina e a masculina são vividas como amplamente diferenciadas, inscritas em uma série de oposições análogas: “alto/baixo, em cima/embaixo, seco/úmido, quente/frio, (...) ativo/passivo, móvel/imóvel” (Bourdieu, 2014, p. 33). Dessa forma, o ato sexual pode ser entendido como uma relação de dominação, como uma manifestação da virilidade. Aqui, a virilidade é compreendida como a

capacidade reprodutiva e sexual e como exercício da violência, algo que precisa ser provado e reconhecido por outros homens, motivo pelo qual tantas instituições comportam provas de virilidade, reforçando o reconhecimento do grupo e a solidariedade entre eles. A recusa na realização das provas viris pode implicar na perda da consideração do grupo, e na associação com a feminilidade, concebida como fraqueza e delicadeza e reconhecidamente uma forma de inferioridade entre os homens. Portanto, a virilidade baseia-se principalmente no medo da perda e da exclusão, e no medo de ser reconhecido como feminino (Bourdieu, 2014).

Entretanto, é importante levar em conta que a masculinidade não é um processo que ocorre de maneira igual para todos, pois é influenciado por questões culturais, sociais e regionais, bem como por questões individuais de cada pessoa. Portanto, a masculinidade pode ser considerada como hegemônica, mas isso não significa que ela é um processo homogêneo (Suárez & Arroyave, 2009).

Connell (1997) acredita que este processo de construção, ao qual ele chama “narrativa convencional” sobre a construção das masculinidades, está incompleto, uma vez que adota uma única forma de masculinidade para uma definição generalizada. Ele propõe que a construção da masculinidade seja pensada como um projeto, coletivo e também individual, envolvendo encontros dialéticos com instituições e com forças culturais, cujas imposições podem ser aceitas pelas pessoas, ou elas podem escolher ir contra isso. Assim, as masculinidades não podem ser entendidas como uma estrutura estática, mas devem ser compreendidas como uma constante reconstrução.

Portanto, as masculinidades referem-se a configurações de práticas, o que significa que são ações, e não expectativas, dotadas de racionalidade e de historicidade, a respeito da posição de homens dentro das relações de gênero. Levando em conta a complexidade envolvida na definição de gênero, compreende-se que em um mesmo contexto social podem

coexistir diferentes produções de masculinidades ao redor de uma forma hegemônica de masculinidade (Connel, 1995).

Ainda assim, é possível perceber em nossa realidade que a construção de subjetividades masculinas, em grande parte, exige expressões de coragem e ousadia, demonstrações de independência, virilidade e heterossexualidade. Como desenvolvido no primeiro tópico, Bourdieu (2014) aponta a naturalização do sexo por meio de esquemas de pensamento que legitimam e naturalizam as divisões arbitrárias que são socialmente construídas. Aí também reside a força da dominação do masculino sobre o feminino, que é naturalizada e, portanto, dispensa justificativas. A ordem social tem papel crucial nessa naturalização por meio de mecanismos como: a divisão sexual do trabalho, a estrutura do espaço externo e do espaço privado etc. Assim, todas as coisas são classificadas de acordo com as oposições entre o masculino e o feminino. Segundo Bourdieu:

Cabe aos homens, situados no lado do exterior, do oficial, do público ... realizarem todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares, como matar o boi, a lavoura ou a colheita, sem falar do homicídio e da guerra, que marcam rupturas no ciclo ordinário da vida (Bourdieu, 2014, p.49).

Espera-se que os homens demonstrem sua virilidade, e estas demonstrações são geralmente violentas, de forma que a honra viril masculina é comumente associada à violência masculina, que se faz presente na história da humanidade desde a Antiguidade, como mito cultural e como realidade concreta. Com frequência os homens são cobrados para agir de maneira violenta quando sua honra é ofendida ou questionada, sendo esta uma forma de tentar manter sua virilidade e a própria dominação masculina. Portanto, os homens também são prisioneiros e, muitas vezes sem a devida percepção, vítimas da representação dominante, uma vez que por serem movidos pelo medo da exclusão e do feminino, causam danos a si próprios (Bourdieu, 2014; Boris, 2011).

Assim, torna-se importante falar sobre a associação existente entre a masculinidade e a violência, discussão explorada no tópico seguinte.

3. Violência

Mesmo com as críticas que serviram como base para mudanças e para o reconhecimento da coexistência de diversos tipos de masculinidades, ainda existe uma ideia preponderante sobre a masculinidade que a associa diretamente à competição e à violência, de forma que homens geralmente se envolvem mais com situações violentas, tanto enquanto autores quanto como suas vítimas. Entretanto, fatores socioeconômicos e culturais influenciam fortemente a existência da relação entre masculinidade e violência (Souza, 2005).

O estudo da violência conta com suas primeiras publicações relacionadas à “violência intrafamiliar”, nos anos 60, com o foco voltado principalmente às crianças vítimas de agressão ou de abuso, muitas vezes perpetrados pela própria mãe, que era concebida como um dos membros de uma família violenta que poderia vir a ser uma vítima, então, ignoravam-se as questões de gênero presentes nos conflitos de violência. Nos anos 70, procurando analisar por um ângulo diferente, o movimento feminista cria a terminologia “violência contra a mulher”, mostrando que a violência não se restringe ao ambiente familiar, mas está também no ambiente externo, como em casos de estupro por estranhos, assédio no trabalho etc. (Schaiber et al., 2005).

A denominação “violência doméstica” surge apenas nos anos 80, no campo da saúde, enfatizando que se as mulheres sofrem violência em diversos contextos, o contexto familiar é o mais usual e relevante. E então, nos anos 90, começa-se a falar sobre “violência de gênero”, considerando que a violência praticada contra a mulher provém dos conflitos de gênero e da forma violenta como as pessoas lidam com eles. Mais recentemente, foram-se desenvolvendo

abordagens com enfoque nos homens e nas questões de masculinidade para analisar a violência doméstica, buscando-se compreender seu aspecto relacional e aprofundar as interfaces entre o masculino e o feminino (Schaiber et al., 2005).

No Brasil, as mulheres eram consideradas como relativamente incapazes até o ano de 1962, quando foi aprovada a Lei 4.121, garantindo a autonomia das mulheres casadas sobre si mesmas. Até então, seus direitos eram praticamente inexistentes e elas eram totalmente subjugadas ao homem da família, seu marido. O contexto ditatorial da década de 70 impulsionou os movimentos feministas no país, que passaram a lutar mais ativamente em prol de pautas como a violência cometida contra mulheres dentro do lar. As primeiras mobilizações para visibilização da violência doméstica, na década de 80, enfrentaram grande resistência por parte das instituições jurídicas do país, porém, foi nesta década que foi criada a primeira Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM) em São Paulo. E foi na primeira década dos anos 2000 que, com a intensificação nas lutas pelos direitos das mulheres no Brasil, criou-se a Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, e também, foi aprovada a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340) (Oliveira, 2017; Bandeira, 2009).

Diante disso, atualmente a violência de gênero pode ser compreendida como um fenômeno social e cultural, e suas manifestações podem ser, muitas vezes, associadas a formas de exercer a masculinidade. Ela ocorre não apenas pelas características de exercício da masculinidade que estão relacionadas a ela, mas também devido às formas de perceber o exercício da feminilidade. Esse tipo de violência é exercida por meio de agressões físicas, psicológicas, morais; ameaças; assédio, abuso e agressão sexual; podendo ocorrer no ambiente privado (violência doméstica) ou público (Schaiber et al., 2005).

De acordo com Waiselfisz (2015), a maior parte dos registros de violência contra a mulher é de violência doméstica, ou seja, perpetrada por parentes, parceiros ou ex parceiros,

correspondendo a 67,2% do total de casos registrados. Quanto ao tipo de violência sofrida, a violência física tem maior incidência (48,7% dos atendimentos), seguida pela violência psicológica (23%) e a violência sexual (11,9%).

A violência entre parceiros acontece com frequência entre homens e mulheres, podendo ocorrer entre parceiros do mesmo sexo. Ainda assim, sempre pode ser relacionada a questões de gênero, uma vez que é um ato resultante de relações assimétricas de poder, nas quais é conferido maior poder a um dos pares (características reconhecidas na sociedade como masculinas) enquanto o outro tem maiores características de submissão (características socialmente identificadas como femininas). Percebe-se que há tolerância, e muitas vezes, incentivo por parte da sociedade para que os homens exerçam sua agressividade em forma de agressão, até mesmo como forma de garantir seu domínio sobre as mulheres. Este consentimento social é, entretanto, prejudicial, tanto para as mulheres, que sofrem violência, quanto para os homens, que se violentam entre si e a si próprios (Schaiber et al., 2005; Saffioti, 2004).

Existem diferentes formas como a violência se constitui em nosso meio, para além de sua consequência física direta. Bourdieu (2014) apresenta a violência simbólica como uma experiência subjetiva das relações de dominação. Nesse tipo de violência ocorre a naturalização, por parte dos dominados, de categorias construídas pelos dominantes sobre a relação de dominação estabelecida. Essa naturalização acontece, pois, como dominado, este dificilmente dispõe de recursos para pensar sua condição que não sejam os recursos em comum com o dominante, de forma que ela é pouco percebida objetivamente, apesar de suas consequências serem perceptíveis. Diferentemente da violência física que ocorre de maneira objetiva e tem consequências objetivas, a violência simbólica ocorre de maneira subjetiva, e aí reside outro fator que dificulta a sua percepção (Bourdieu, 2014).

Em pesquisa do Sistema de Indicadores de Percepção Social do IPEA (2014) foi possível observar que 91% dos participantes, sem distinção por sexo, concordaram total ou parcialmente com a frase “homem que bate na esposa tem que ir para a cadeia”, enquanto 89% manifestaram discordar do enunciado “um homem pode xingar e gritar com sua própria mulher”. Na mesma pesquisa, 58% dos participantes concordaram total ou parcialmente que “se as mulheres soubessem se comportar haveria menos estupros”; 63% concordaram total ou parcialmente que “casos de violência dentro de casa devem ser discutidos somente entre os membros da família”; 89% concordaram total ou parcialmente que “a roupa suja deve ser lavada em casa”; e 82% que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”.

Nesta pesquisa, é possível perceber as manifestações sutis da ideia de violência simbólica trabalhada por Bourdieu (2014), analisando que os participantes tenderam a concordar com afirmações que evidenciavam a violência física e a verbal, que possuem consequências diretas e mais evidentes. Ao mesmo tempo, concordar com afirmações que tendem a culpabilizar, silenciar e negligenciar a vítima de violência doméstica evidencia a violência simbólica intrínseca em nossa sociedade com relação aos grupos dominados, por meio da naturalização de categorias construídas pelos dominantes. Na própria pesquisa, o IPEA (2014) analisa que apesar de os dados mostrarem-se paradoxais, precisa-se levar em conta que a população participante ainda adere à visão de família nuclear patriarcal: uma versão atualizada, na qual não se admite a violência extrema e evidente contra a mulher como forma de dominá-la, mas ela ainda deve seguir as categorias prescritas pelo dominante, naturalizadas, pouco perceptíveis, mas ainda assim violentas (Bourdieu, 2014; IPEA, 2014).

Diante disso, seguimos para o próximo tópico, onde desenvolvo a ideia de produção de sentido que norteará as discussões nessa monografia.

4. Produção de Sentido

Para falar sobre a produção de sentido, utilizarei das perspectivas do construcionismo e do enfoque histórico-cultural.

As discussões de Vygotsky sobre produção de sentido giram em torno dos conceitos de sentido e significado. O significado está diretamente vinculado à palavra em si, e é generalizado em uma experiência social. Isso não significa dizer, entretanto, que os significados são imutáveis, eles na verdade se desenvolvem por meio das interações sociais, estando em constante movimento. Já os sentidos, são produzidos na realidade particular da pessoa, por meio de suas vivências pessoais, são a relação da palavra com o contexto da experiência, na qual as dimensões afetiva e cognitiva se integram. Entretanto, os conceitos de significado e sentido não são opostos, são na verdade dialéticos: um depende do outro para existir, e ambos dialogam nos processos de significação (Duqueviz, 2017).

Nesse ponto ambas as perspectivas se assemelham, pois para o construcionismo, a produção de sentido é a forma utilizada pelas pessoas para a compreensão dos fenômenos que a rodeiam, situados em um contexto histórico e cultural que influencia diretamente em sua construção. Entretanto, sob essa perspectiva, a produção de sentido não se trata de uma produção cognitiva individual, mas de uma prática social, portanto, dialógica, envolvendo principalmente a linguagem em uso. É importante ressaltar que a compreensão envolve a linguagem em uso pois, nesse caso, o foco de estudo está sobre a polissemia e a não regularidade das práticas discursivas (Spink & Medrado, 2013).

Faz-se importante definir o que se entende no construcionismo como práticas discursivas. De acordo com Spink e Medrado (2013) o discurso é bastante regular e historicamente reproduzido, por ser institucionalizado. Entretanto, o discurso não se reduz às regularidades, esse é apenas um dos possíveis enfoques de análise. Quando analisado em

busca dos sentidos produzidos, o olhar é direcionado às práticas discursivas, que são as formas de posicionamento das pessoas em seu cotidiano, ou seja, a forma como elas produzem sentido, que têm a polissemia como característica essencial. Elas são constituídas por enunciados orientados por vozes, por speech genres e por repertórios interpretativos (Spink & Medrado, 2013).

Os enunciados podem ser considerados como a articulação de palavras e sentenças pré-existentes, que se dirigem a uma ou mais pessoas e, portanto, são orientados por vozes. Como a linguagem se trata de uma prática social, os sentidos são produzidos entre duas ou mais vozes, sejam elas internas (pensamento) ou externas, e essas vozes podem estar temporalmente e espacialmente distantes, mas continuam a integrar a construção de sentido. Os enunciados geralmente são contextualizados, de forma que funcionam de maneiras diferentes, levando em conta a coerência com o tempo, o espaço e o interlocutor ao qual se dirigem, o que constitui os speech genres (Spink & Medrado, 2013).

A construção das práticas discursivas dá-se, principalmente, nos repertórios interpretativos de uma pessoa, que são “o conjunto de termos, descrições, lugares-comuns e figuras de linguagem” (Spink & Medrado, 2013, p. 28), portanto, uma ampla gama de dispositivos linguísticos por meio dos quais a pessoa compreende e constrói sentido sobre a realidade, que servem como base para linhas de argumentação (Spink & Medrado, 2013).

A linguagem é importante em ambas as perspectivas teóricas aqui utilizadas para compreender a produção de sentido. Segundo Duqueviz (2017), Vygotsky a compreende como “o sistema de signos mais importante das relações sociais” (Duqueviz, 2017, p. 14), pois ela é utilizada tanto para comunicação quanto para estruturação do pensamento, e também para mediar a interação do ser humano com a realidade na qual ele vive.

A principal diferença entre ambas perspectivas se concentra na compreensão da forma como se dá a produção de sentido. Enquanto para o construcionismo essa produção se dá nas práticas sociais, principalmente por meio linguagem em uso, na perspectiva histórico-cultural também se considera que o sentido é produzido pela linguagem em uso, mas a linguagem é a principal forma de constituição da consciência, que é a união das esferas cognitiva e afetiva, portanto, há participação da cognição e afetividade, que são particulares de cada pessoa, para que o sentido seja produzido de maneira dialógica (Duqueviz, 2017; Spink & Medrado, 2013).

É importante salientar que a intenção não é unir ambas as teorias, mas utilizar dos pontos de interlocução existentes entre elas para a análise que se seguirá.

Dessa forma, finalizo a fundamentação teórica, e passo para o próximo tópico, buscando esclarecer a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa.

Método

A perspectiva metodológica utilizada neste trabalho será de caráter qualitativo, pois procura compreender um espaço mais profundo das relações, processos e fenômenos, que não permitem a quantificação. Isso, segundo Minayo (2009), corresponde à pesquisa qualitativa, que procura responder a questões particulares.

As ciências sociais, por muito tempo, tomaram como base a perspectiva positivista de ciência, pressupondo que os fenômenos sociais se assemelham aos fenômenos da natureza e, portanto, podem ser estudados utilizando os mesmos critérios, de objetividade, neutralidade, experimentação e quantificação. Entretanto, logo estas ideias começaram a ser questionadas, afinal, ficou claro que a metodologia das ciências humanas e sociais são muito diferentes das metodologias das ciências naturais e biológicas, de forma que a perspectiva positivista era muito limitada para responder, por si só, as questões do ser humano e da sociedade (Gil, 2008).

Assim, a metodologia qualitativa vem em busca de um aprofundamento nos significados das ações e relações humanas, algo que não pode ser realizado por meio do método positivista. Nesta perspectiva metodológica, a pesquisa é compreendida como um trabalho artesanal e criativo, construído por meio de um ciclo particular que se inicia com o problema de pesquisa e termina com um produto provisório, que origina novas questões (Minayo, 2009).

Sujeitos de pesquisa

Os sujeitos selecionados para participar dessa pesquisa foram homens que, por terem sido autores de violência contra a mulher, atualmente participam de grupos reflexivos para autores de violência por determinação judicial. Escolhi estes sujeitos devido à maior

facilidade de acesso a eles, considerando as áreas de estágio ofertadas no 10º semestre do curso de Psicologia do UniCEUB, com o enfoque em Psicologia Social. O curso oferece estágios em campos variados na área de violência de gênero.

A pesquisa foi realizada no Centro de Formação de Psicólogos (CENFOR) do UniCEUB, onde é ofertado à comunidade um grupo reflexivo com atendimento voltado a autores de violência de gênero, cujos participantes estão em cumprimento de determinação judicial, sendo que o atendimento é realizado por alunos que estão nos últimos semestres da graduação de Psicologia. Os atendimentos acontecem uma vez por semana, e o grupo contou com o número inicial de seis participantes, variando ao longo do semestre.

Para as entrevistas individuais, conversei com três homens participantes do grupo. A intenção inicial era de que todos os homens entrevistados fossem autores de violência doméstica, cumprindo medida prevista na Lei Maria da Penha. Entretanto, no momento da entrevista, um dos participantes revelou-me ser autor de violência sexual.

Instrumentos e Procedimentos

Para obter as informações necessárias ao desenvolvimento da pesquisa, utilizei dos seguintes instrumentos: Observação, entrevista individual e diário de campo.

A observação foi feita todas as semanas entre o mês de março e junho, durante a realização do grupo reflexivo, que era guiado por três estudantes do 10º semestre do curso de Psicologia. Havia uma sala de observação específica para a sala onde o grupo era realizado, de onde eu podia ver e ouvir o andamento do grupo, mas não poderia ser vista ou ouvida pelos participantes.

Utilizei também de entrevista aberta individual, sendo esta uma modalidade menos rígida de entrevista na qual se propõe um determinado tema e o entrevistado tem a liberdade

de abordá-lo da forma que achar melhor (Neto, 2009). Algumas perguntas norteadoras que guiaram a entrevista foram: 1) O que te trouxe até aqui? 2) O que você pensa sobre o motivo que te trouxe até aqui? 3) Qual é, para você, o significado de ser homem? E o significado de ser mulher?; 4) Qual foi o seu sentimento antes, durante e após o ato de agressão?; 5) Como era a sua relação com a mulher que você agrediu?

Os participantes foram abordados aproximadamente um mês após o início dos encontros do grupo, e apenas um disse não desejar participar, os outros três convidados mostraram-se bastante solícitos. Eles foram convidados ao final dos encontros, na sala da recepção do CENFOR. Apenas um dos participantes foi convidado em um contexto diferente: ele chegou muito atrasado para o grupo, portanto, receberia falta. Assim, ele aceitou participar da entrevista enquanto acontecia o grupo, pois dessa forma receberia presença.

O diário de campo também foi utilizado como forma de auxílio na descrição e análise do fenômeno. O diário de campo é de uso pessoal, onde o pesquisador deve, de maneira sistemática, anotar suas impressões, sentimentos e angústias durante a ida a campo. Essas informações são de grande utilidade, pois associam os diferentes momentos da ida a campo, oferecendo um panorama geral bastante útil para a análise final das informações obtidas (Neto, 2009). O uso do diário de campo havia sido inicialmente pensado juntamente com o uso do método cartográfico, mas a mudança de planos metodológicos não impediu seu uso. Durante as observações, anotei minhas impressões e sensações ao decorrer do encontro.

Análise das Informações Construídas

O projeto inicial de utilizar do método cartográfico e da Análise do Discurso foucaultiana para a análise das informações construídas não foi viável, devido às características específicas do campo onde as informações foram observadas. Dessa forma, optamos por trabalhar com categorias, utilizando da Análise de conteúdo Temática. Essa

forma de trabalho consiste em criar uma categoria sobre um conceito capaz de agrupar ideias e expressões que surgiram durante a pesquisa e que possam ser relacionados entre si. Elas podem ser formuladas antes do trabalho de campo, ou posteriormente, baseadas naquilo que foi observado no campo durante a construção de informações (Gomes, 2009).

No caso deste trabalho, optei pela formulação posterior das categorias, com base na literatura revisada, nas observações do grupo e naquilo que foi dito pelos homens que participaram das entrevistas individuais.

Considerações Éticas

Antes da realização da pesquisa foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1) aos participantes, explicando os objetivos do estudo, sua relevância e os procedimentos que seriam utilizados, explicitando o caráter voluntário da participação, os riscos e benefícios, e especialmente o sigilo que será mantido em relação às informações por eles fornecidas.

Foi utilizado um gravador, a fim de manter as informações claras e acessíveis, e materiais de papelaria para anotações, como folhas de papel e canetas.

A pesquisa foi realizada por financiamento próprio. Os critérios de inclusão utilizados foram: homens autores de violência de gênero, e os critérios de exclusão foram aqueles homens que optaram por participar da pesquisa mas em algum momento resolveram desistir. Os riscos possíveis durante a realização da pesquisa envolveram a possibilidade de o sujeito entrar em contato com emoções que pudessem ser desconfortáveis. Os possíveis benefícios foram: levar o sujeito a refletir sobre práticas naturalizadas em sua vida.

Resultados e Discussão

Devido às questões éticas, a fim de preservar as identidades dos participantes dessa pesquisa, utilizarei de nomes fictícios para retratar as falas trazidas durante as entrevistas individuais e os encontros em grupo.

Contamos com três participantes de pesquisa: Júlio, Elias e Diogo. É importante salientar neste princípio as diferenças principais entre esses participantes de pesquisa. Júlio é o único entre eles autor de uma violência sexual, enquanto Elias e Diogo cumprem medida relacionada a diferentes tipos de violência no âmbito da Lei Maria da Penha. Diogo diz que, apesar de ter sido justamente acusado de infringir a Lei Maria da Penha há alguns anos, o motivo atual que o trouxe até o grupo de homens no CENFOR não se tratou de nenhum tipo de violência. Elias, por sua vez, nega ter cometido qualquer violência.

Durante as entrevistas, foram percebidas três categorias principais que surgiram com maior frequência nas falas dos participantes: (1) Sentimentos envolvidos; (2) masculinidade e feminilidade; e (3) violência. Além disso, percebi, no momento da análise de dados, que algumas questões interessantes surgidas durante as entrevistas e os encontros do grupo não teriam espaço em nenhuma dessas categorias, de forma que optei por finalizar com uma categoria diferenciada: minhas impressões, trazendo coisas que percebi analisando as informações posteriormente, e também sensações que tive no momento da pesquisa.

1. Sentimentos envolvidos

Esta categoria foi criada com o intuito de agrupar as falas dos participantes relacionadas à forma como se sentiram antes, durante, e após a realização do ato de violência, buscando compreender como isso influenciou e continua a influenciar a produção de sentido entre eles.

Os principais sentimentos que surgiram durante a entrevista foram separados em subcategorias, sendo elas: motivações, vergonha e arrependimento, injustiça.

1.1 Motivações

Aqui, analisarei o que os participantes trouxeram como motivos para a realização do ato de violência contra a mulher, os sentimentos e sensações que descreveram sentir logo antes do ato e durante sua realização.

Ocorreu um episódio na minha residência, da minha esposa chegar a um ponto de... não foi nem traição, né, foi um equívoco que realmente aconteceu (...) aí pra eu saber, no caso, que tinha sido, no caso ela, aí fui forçando, (...) eu falei: ah, cê não vai falar não? Então (...) se não vai falar por bem vai falar por mal. E aí foi realmente quando eu fui lá na gaveta e (...) aí eu peguei uma faca, só pra intimidar ela, de maneira nenhuma eu ia fazer mal à minha esposa. – Diogo.

A situação de violência neste relato de Diogo, segundo ele, não se trata da mesma situação que o levou a cumprir medida socioeducativa no CENFOR, mas foi uma situação de violência vivida com a mesma mulher, no passado. Na época, a esposa o denunciou, mas ele pagou fiança e foi solto. A situação que o levou a cumprir medida socioeducativa, segundo ele, não teve violência, e foi uma mentira. Estas últimas serão questões abordadas nas próximas subcategorias e também nas próximas categorias.

Como ressaltado por Suárez e Arroyave (2009) a construção emocional da masculinidade baseia-se na liberdade para a demonstração de sentimentos de raiva e para o exercício da autoridade. Ao perceber a possibilidade de traição, Diogo diz que “fui forçando”, dando a entender que teve certa dificuldade em extrair da esposa aquilo que desejava ouvir. Assim, Diogo buscou demonstrar sua autoridade por meio de reações de raiva, que se transformaram em situações violentas com a mulher diante dele, condizentes com a

associação ainda bastante forte entre exercício da masculinidade e manifestações de violência (Schaiber et al., 2005; Souza, 2005). Enquanto exercendo seu papel, ele utilizou de instrumentos de ameaça diante da mulher que desejava, no momento, intimidar, para que dissesse aquilo que, para ele, era verdade, em acordo com as práticas discursivas construídas ao longo dos contextos nos quais estava inserido (Spink & Medrado, 2013).

Diogo revelou ter crescido em uma família do interior: “Família realmente de interior você já pode imaginar como é que é né, brincadeiras e mais brincadeiras”. Ele disse ter sido criado pela mãe e pelo irmão mais velho, que considerou como figura paterna, e também falou sobre as formas de correção para erros utilizadas no contexto de sua infância interiorana: “Às vezes era duas surras, a depender do erro, né. Porque a nossa mãe nos corrigia, quando nossa mãe não nos batia, a gente sabia que ia levar uma ‘peia’ que era dele [irmão]”. Diogo não via as surras como algo negativo: “sabe como é que é coisa, história do interior né. Então graça deus é... dar graça a deus por tudo isso”. Assim, a forma violenta de reagir pode ser interpretada como um enunciado constante de sua vida, produzido especialmente por uma voz interna distante em tempo e em espaço (Spink & Medrado, 2013).

A questão da violência será melhor explorada na categoria “Violência”. Agora, voltamos o olhar para as situações relatadas por Júlio com relação à violência por ele cometida.

Era algo que eu queria viver (com a minha esposa), e veio um desequilíbrio que me levou a achar que poderia forçar uma mulher a viver aquela, uma situação que eu queria viver. (...) E no meu caso, eu achava que eu tinha o direito sim, que eu... não era assim, nada demais, fazer um pedido desse pra minha esposa. Assim, porque a gente tem uma cumplicidade né. Aí não, não teve uma resposta dela assim, positiva, aí depois eu continuei novamente como eu falei, aí o tempo foi passando também, e foi

gerando essa... essa vontade de realizar isso e... e acabou que eu realizei com uma pessoa estranha à força. – Júlio.

Júlio explica a violência sexual que cometeu como motivada por a sua esposa ter negado realizar com ele uma fantasia sexual. Ele acreditava que “tinha o direito” e que “merecia” que a esposa fizesse o que ele pedia, mas ela não concordava. Assim, ele continuou com a vontade ainda presente dentro dele, o que fez com que realizasse a fantasia com uma mulher desconhecida na rua.

Suárez e Arroyave (2009), ao falar sobre a construção sexual da masculinidade, ressaltam o “imediatismo sexual” como uma característica vista pela sociedade como natural do homem, que faz com que ele sinta que deve ser constantemente satisfeito sexualmente e que os corpos das mulheres devem estar disponíveis para a sua satisfação. A sexualidade masculina envolve a prontidão absoluta para ter o corpo da mulher como se ela fosse um objeto, e aí também reside a sua fraqueza de não conseguir segurar a si mesmo (Machado, 1998). Percebeu-se, no relato de Júlio, que a indisponibilidade do corpo de sua esposa, para que ele realizasse as fantasias que desejava, causou uma sensação de injustiça, porque, em suas palavras, ele acreditava que “tinha o direito sim”. A negativa da esposa impediu o exercício da virilidade como capacidade reprodutiva e sexual, o que, talvez, pudesse gerar questionamentos de sua virilidade diante de outros homens. A passividade, aqui no sentido de aceitação da recusa, poderia significar mais uma falha com a sua virilidade masculina, uma abertura para o não reconhecimento de outros homens, e aí entra o medo da perda e o medo do feminino. A recusa da esposa não seria suficiente para contê-lo, levando em conta a fraqueza sexual tão naturalmente atrelada à ideia da masculinidade. Por outro lado, a impossibilidade de exercer a virilidade puramente como capacidade sexual, uma vez que a esposa não desejava a mesma coisa que ele, pode tê-lo levado a exercê-la também por meio da violência, que é uma das principais formas de manifestação de virilidade, evitando então a

possibilidade do não reconhecimento do grupo e as características femininas tão temidas pelo masculino (Bourdieu, 2014; Machado, 1998).

O fato de ele ter então decidido realizar com uma mulher desconhecida, levanta inúmeras questões, não apenas a respeito de sua virilidade sendo questionada, mas também sobre a visão do corpo de uma mulher para este homem em específico.

Ela estava sozinha, num lugar que estava escuro, tava meio, bem deserto. E aí de repente eu pensei essa idiotice por conta de olhar ao redor e achar que tudo estava propiciamente colaborando para que eu pudesse fazer algo. – Júlio.

Uma mulher estranha, em um espaço público que, naquela ocasião em específico, estava vazio, foram os contextos propícios para que Júlio realizasse a fantasia que sua esposa negou-se a realizar. Mas o que o levou a acreditar que uma mulher, entre tantas outras, contextualmente em um espaço público que deveria ser de acesso livre a qualquer um, poderia ser aquela com a qual ele conseguiria fazer o que desejava, por meio da força? Essa questão será melhor discutida na próxima categoria.

Quanto ao participante Elias, suas motivações não ficaram claras, uma vez que ele nega ter cometido qualquer tipo de violência.

1.2 Vergonha e arrependimento

Relatos relacionados aos sentimentos de vergonha e arrependimento foram os mais frequentes nas entrevistas de Diogo e Júlio, que admitem ter cometido atos de violência contra mulheres.

(...) mas isso foi uma burrice que por ventura eu... hoje eu tenho até vergonha de me expressar sobre isso, por isso que às vezes eu não gosto nem de tocar no assunto, porque não é da minha índole isso, graças a deus, nunca foi e nunca será, né. – Diogo.

Muito frustrante quando você não tem... quando, você... às vezes a gente acha que a gente se conhece né. E quando você se depara assim com uma atitude que... que você tem certeza que não faz parte de você, isso te frustra de uma forma que você pensa: poxa, mas eu não me conheço! Como eu fui capaz de agir assim, sendo que não faz parte da minha natureza? Toda a minha vida nunca tive nada parecido. Nenhuma... nenhuma ação espontânea parecida com isso. Então é algo assim, muito frustrante. Por isso que eu acho que realmente tem erros na nossa vida que a gente pode cometer apenas uma vez. Eu acredito nisso – Júlio.

Chama a atenção que ambos os participantes ressaltam que o ato de violência não é parte de sua índole, ou de sua natureza, que nunca tomaram atitudes parecidas. Nesse ponto entra outra semelhança com o trabalho de Machado (1998), pois os apenados por ela entrevistados também apresentaram justificativas relacionadas ao não reconhecimento de si mesmos durante o ato, de “não sei o que me deu”, ou de “fraqueza”. Especificamente no caso de Júlio, que se trata de uma violência sexual, é possível pensar que, enquanto homem viril disponível para a conquista, ele não deve dizer não diante de uma oportunidade (Machado, 1998). E aqui é possível relacionar também um discurso que, por ter me incomodado bastante no momento, eu registrei em meu Diário de Campo durante a observação do grupo:

Diogo diz que o homem ‘não pode ver um rabo de saia’, que não pensa em dizer não para uma mulher que demonstre interesse independente de ela fazer seu tipo ou não, pois segundo ele, homem não pensa sobre ser ou não o seu tipo, homens são sempre mais diretos e agressivos. Segundo Diogo, não dizer ‘não’ é natural do homem, pois ele sempre quer ficar com uma mulher, seja qual for.

Recordo-me com clareza que Diogo falava dessa característica de virilidade como se fosse algo positivo, pois falava sorrindo, sem senso crítico, apesar de as facilitadoras do grupo reflexivo de homens tentarem fazê-lo refletir. Essas falas apenas reforçam a ideia geral

naturalizada sobre o papel do homem viril, que segundo Machado (1998), não deve dizer não diante da oportunidade de conquista, mas ao mesmo tempo, ele sabe que poderia ter resistido àquela situação, e aí reside a sensação de não reconhecer a si mesmo, de frustração, de atitude deslocada da sua natureza (Machado, 1998).

A ideia de Bourdieu (2014) sobre economia de bens simbólicos pode ser um bom paralelo para a compreensão do contexto histórico que participou da construção de sentido de Diogo para fazê-lo tomar as atitudes que tomou com sua esposa e depois sentir-se tão envergonhado diante disso. A economia de bens simbólicos consiste em trocas entre homens, nas quais a mulher é o principal objeto de troca para o aumento do capital simbólico dos homens, que é a honra. Nesse caso, o casamento é uma das principais formas de troca, na qual a mulher de uma família é cedida, pelo homem da família, a um homem de outra família, em uma relação de igualdade de honra. Assim, é estipulado um valor simbólico para as mulheres, relacionados à sua reputação e a sua castidade, que representam a honra de seus irmãos e de seus pais, por isso o cuidado vigilante constante e por muitas vezes extremo, inclusive de seu esposo, pois a partir do momento da troca, a esposa representa também a sua honra, o seu capital simbólico. E a honra é o que governa o homem, inscrita em seu corpo, suas posturas corporais, seus modos de agir e de pensar. A honra é puramente masculina, e por isso, os desafios de honra são dirigidos apenas para homens, pois são eles que reconhecem o que é a honra e, portanto, são capazes de responder da mesma forma. O reverso da honra seria a vergonha, que é sentida diante do outro (Bourdieu, 2014).

Diogo disse que suspeitava estar sendo traído por sua esposa. Hoje, ele reconhece que foi um equívoco, mas na época, a traição era uma possibilidade real. A sua honra, constituída por meio de seu capital simbólico que, historicamente, é representado principalmente pela sua esposa (especialmente pela ausência de uma filha, no caso de Diogo), foi severamente posta em xeque. Por isso o cuidado vigilante, a necessidade de saber com quem a esposa trocava

mensagens no celular, e a necessidade de ouvir dela. Entretanto, Diogo acabou reagindo de forma violenta diante do silêncio, e a única vítima foi sua esposa. Seu desafio de honra, no momento em que ele pressionou, em suas próprias palavras “foi forçando” a esposa a falar, foi direcionado a uma mulher, que simbolicamente e historicamente, não poderia responder de forma honrada, por não reconhecer o que é honra. Aí surge seu sentimento de vergonha, o oposto da honra: Diogo faltou com a própria honra, não apenas diante da traição de sua esposa, mas por ter posto ela naquela situação. Provavelmente, se ele tivesse direcionado sua raiva ao homem com o qual ele desconfiava que a esposa tivesse traído sua confiança, ele não se sentiria tão arrependido.

1.3 Injustiça

Nas falas de Elias e Diogo, que cumprem medida relacionada ao descumprimento da Lei Maria da Penha, são bastante constantes discursos que remetam à sensação de injustiça.

Eles ouviram a versão feminina, não ouviram a versão masculina. (...) Aí realmente eu fui pra lá e eles pegaram realmente o primeiro episódio que aconteceu e pegou o segundo episódio, se juntou um no outro, não me ouviu nem nada realmente, se eu tinha agredido ela verbalmente ou fisicamente ou vice-versa, que a vizinhança tava lá, todo mundo viu que não houve essa agressão simplesmente foi umas verdades – Diogo.

Diogo diz que a Lei Maria da Penha é polêmica por só ouvir a mulher, ‘em todos os casos nem sempre o sexo masculino é pivô’. – Diário de Campo, a partir da observação do grupo.

O que ela alegou é totalmente equívoco, tanto em provas materiais quanto em provas pessoais. Ela sempre teve aquela intenção de me prejudicar. (...) eu falo até que houve injustiça tá entendendo? Porque nada disso aconteceu, jamais eu ameacei ela, jamais,

principalmente nesse horário, tem câmera de vigilância, tem tudo, no longo do percurso que eu faço e no bloco tem, e nas casas, então se quisesse averiguar mais o fato, com certeza chegaria lá. – Elias.

De acordo com Bandeira (2009), a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340) surgiu em busca de mudanças nas práticas institucionais com relação à violência contra a mulher, nas formas como os agentes públicos lidavam com as questões trazidas, que muitas vezes apenas reprimiam e revitimizavam a mulher, além de delegar a resolução dos conflitos existentes para a família, na esfera privada. A força do masculino sobre o feminino sempre foi naturalizada, e suas diferenciações sempre existiram principalmente por meio da ordem social, que dispensa justificativas para a dominação do homem, para que ele se situe no espaço do oficial, do público (Bourdieu, 2014).

Segundo Bourdieu (2014) é perceptível como o homem, por sua condição de homem, tem maior acesso à palavra, e como sua palavra é mais valorizada diante da de uma mulher. Ele utiliza o exemplo de debates públicos, nos quais as mulheres precisam de esforço redobrado para ter acesso à palavra e para manter esse acesso, recebendo a atenção e a valorização daquilo que é dito. Quando a mulher tem acesso à palavra é constantemente interrompida, e perguntas inteligentes são sempre direcionadas ao homem.

Dessa forma, é possível pensar na Lei Maria da Penha como uma forma de uma escuta mais qualificada à mulher, um dos poucos espaços que oferecem na sociedade a valorização de sua palavra, muitas vezes em detrimento do homem, que já encontra seu espaço de valorização da fala nos demais contextos sociais.

O sentimento de injustiça por parte dos participantes de pesquisa pode ser compreendido uma vez que, buscando analisar o sentido produzido por eles para compreender os fenômenos relacionados às situações vividas, analisa-se o contexto social e histórico que eles têm como base para suas produções (Spink & Medrado, 2013). Em um

contexto sócio histórico onde, como bem ressaltado por Bourdieu (2014), a mulher pouco tem de espaço para falar e pouco tem sua fala valorizada, é no mínimo estranho um local em que apenas ela seja ouvida, e que sua versão dos fatos tenha maior valor para o ouvinte. E ainda que, muitas vezes, a mulher esteja relatando os fatos conforme o ocorrido, ela tem sua versão desqualificada, como veremos na categoria “Minhas Impressões”. Agora, darei seguimento à análise com a categoria “Masculinidade e feminilidade”.

2. Masculinidade e feminilidade

Um dos principais objetivos dessa pesquisa é verificar as produções de sentido sobre gênero entre os participantes. Por isso, essa categoria procura agrupar o que foi dito pelos homens com relação à forma como eles percebem o que é ser mulher e o que é ser homem, e analisar de que forma essas percepções influenciam nas suas vidas.

A seguir, uma fala de Elias durante a entrevista individual, quando questionado sobre o que pensava sobre o gênero feminino:

O gênero feminino eu acho que, tipo assim... É tudo né, é aquela coisa, é amor, é carinho, tá entendendo? É batalhas, tá entendendo? Tudo... Companheirismo, tá, dedicação (...). Elas (Mulheres) têm mais disponibilidade e trabalham mais. Se você pegar uma carga horária de um homem e de uma mulher você vai ver que a carga horária dela é bem maior porque além de ela tá trabalhando fora ela tem o serviço de casa ainda. – Elias.

Quando pedi diretamente que Elias me dissesse em algumas palavras o que representava para ele o gênero feminino, ele trouxe palavras que destacavam o quanto ele reconhecia o papel da mulher, especialmente sua dedicação com relação às tarefas que realiza no dia-a-dia, reconhecendo também a dupla jornada feminina. E Elias não foi o único a demonstrar esse reconhecimento.

Eu não vejo (diferença) porque realmente a mulher, houve uma evolução muito grande. Eu vou te falar a verdade, se eu falar pra você que um dia eu pensei que uma mulher fosse ser presidente da república eu vou estar mentindo! Eu nunca pensei porque eu via aquele cargo como sempre voltado ao sexo masculino. Mas hoje nivelou. (...) Então a mulher ela realmente ganhou muito espaço. Espaço não só trabalhista como outros espaços realmente, e eu não vejo nada demais não. – Diogo.

Quando diretamente indagados sobre as questões de gênero, tanto Elias quanto Diogo demonstraram o reconhecimento de que, na atualidade, a mulher alcançou mais espaço, e está praticamente no mesmo nível que o homem na sociedade, restando poucas diferenças. As mulheres tiveram, de fato, inúmeras conquistas desde o último século, mas falar em equidade entre homens e mulheres ainda não significa falar da realidade em que vivemos. Como bem ressalta Boris (2011), a naturalização do domínio masculino sobre o feminino (patriarcado) é uma construção que permanece desde a Antiguidade, e apesar de muitos autores hoje acreditarem que o patriarcado se encontra em desconstrução, ele perdura por meio de estereótipos de gênero que prejudicam tanto as mulheres quanto os homens. Isto ficou bastante claro nas análises das entrevistas e do diário de campo, pois as contradições ficaram evidentes. É curioso como, tanto Elias quanto Diogo, quando questionados diretamente sobre os gêneros, demonstram reconhecer o avanço feminino, mas nas entrelinhas das outras questões respondidas, ou em algumas de suas manifestações durante o grupo reflexivo, eles demonstravam o contrário.

Elas (Mulheres) se deixaram perder muito o valor. Em véstuas (sic), em moralismo tá entendendo, mulher hoje você vê mulher tá atacando homem tá entendendo assim, aquele negócio ‘ah vou agarrar aquele cara, vou agarrar aquela pessoa, vai ficar comigo quer ver?’, tá entendendo? (...) Não sei porque eu fui criado numa época que o homem que chegava até a mulher, hoje não, a mulher que chega até o homem (...) pra

mim o jeito que elas se oferecem pra mim que eu tô ali num... vulnerável num ambiente, aquele negócio todo, o que que acontece, ela pode chegar pra outra pessoa e falar a mesma coisa. Como uma mulher vai me dar respeito se ela tá com o marido dela e ela cuida dos outros?” – Elias.

‘A gente vê menina de 13, 14 anos, bem bonita, que poderia se comportar melhor (...) A mulher hoje tá igual uma cascavel, ela se enrola, se enrola para dar o bote’. – Diário de campo, transcrevendo uma fala de Diogo durante o grupo.

Diogo diz que o sexo feminino é o sexo frágil. A facilitadora responde ‘não que seja frágil...’ e Diogo não permite que ela termine sua frase, pois logo retruca: ‘Mas é’ – Diário de Campo, durante a observação do grupo.

Levando em conta a discussão de Butler (2003) sobre gênero, sabemos que o gênero não pode ser considerado como algo coerente e consistente, pois ele é produzido em um contexto político e cultural, no qual as pessoas atuam e produzem sentido sobre (Butler, 2003; Spink & Medrado, 2013). Assim não é o sexo em si que define o que é masculino ou feminino, mas a forma como as pessoas o valorizam (Louro, 1997), ou, em outros termos, a forma como as pessoas produzem sentido sobre eles.

Diante disso, para compreender as aparentes contradições, é preciso compreender primeiramente o contexto político e cultural no qual estes homens estão inseridos, em um país que, apesar de toda a evolução das mulheres nas últimas décadas, enfrenta agora uma gritante onda de conservadorismo e de discursos de ódio contra a mulher, discursos que têm ganhado um número de adeptos bastante alarmante. É também importante levar em conta o contexto no qual nos encontrávamos durante a entrevista: os participantes eram homens em cumprimento de medida, seu comportamento durante o semestre resultaria em um relatório para a justiça que seria bastante marcante em suas vidas, e além disso, eles estavam fornecendo entrevista para uma mulher. Estavam frente-a-frente comigo, sem um homem ao

seu lado que apoiasse qualquer fala que diminuísse as mulheres, como vez ou outra ocorria no grupo. Tudo isso pode ter influenciado, e discutirei melhor essa questão mais a diante neste trabalho.

De qualquer forma, é necessário ressaltar que as práticas discursivas de igualdade e de evolução da mulher foram breves, pontualmente para as perguntas que se dirigiam especificamente ao gênero. A multiplicidade de práticas discursivas contrárias a essa ideia de igualdade e evolução foram maiores, por parte de Elias, durante a entrevista mesmo, enquanto Diogo manteve um discurso bastante regular durante a entrevista, mas no grupo falou coisas bastante diferentes.

Elias trouxe em diversas oportunidades, tanto nas reuniões do grupo quanto na entrevista, que acredita que as mulheres “se deixaram perder muito o valor”. Essa afirmativa diz muito a respeito da mulher como principal objeto de troca para o aumento do capital simbólico dos homens (sua honra), pois Elias fala como se houvesse um *valor* para cada mulher, medidos pela sua forma de se comportar, ou seja, pela sua reputação e a sua castidade (Bourdieu, 2014).

Elias especificamente demonstrou bastante dificuldades em falar sobre seus próprios sentimentos e pensamentos. Ao tentar explorar mais sobre o que ele queria dizer com essas afirmações constantes sobre a perda do valor da mulher, percebi que ele focou principalmente nas formas de se vestir da mulher atualmente, e na iniciativa da mulher no momento da conquista. Ele diz ter sido criado em uma época onde os homens tomavam a iniciativa, e aparentemente, ver uma mulher tomando iniciativa é algo bastante incômodo para ele. Bourdieu (2014) fala sobre o trabalho de socialização das mulheres como sendo constituído sobre a negação e a imposição de limites sobre o corpo, como a maneira de se vestir de forma a proteger e esconder o corpo, pois a boa conduta moral implica, principalmente, em uma apropriada conduta corporal. Tal como a masculinidade, a feminilidade também se constitui

no corpo, em posturas de inclinação, submissão e docilidade, na forma de olhar (Bourdieu, 2014). Essa constituição histórica, tanto da feminilidade quanto da masculinidade, é parte integrante da produção de sentido nos dias de hoje para todas as pessoas, pois gênero e sexo são produções históricas (Butler, 2003; Louro, 1997; Spink & Medrado, 2013).

Pensando por esse lado, é possível entender o incômodo de Elias com as mulheres que se vestem de forma a deixar seus corpos expostos, que têm a atitude de ir até o homem, de olhar em seus olhos e demonstrar interesse, em uma postura ativa que é cultural e historicamente atribuída ao homem (Bourdieu, 2014). Para Elias, quando ela age dessa forma, ela não está sendo uma mulher, ela está, na verdade, perdendo aquilo que a constitui como mulher, de acordo com os repertórios interpretativos e os enunciados que constituem suas práticas discursivas e que orientam a produção de sentido para ele (Spink & Medrado, 2013).

As mulheres sendo ativas em suas relações, manifestando seus desejos e suas opiniões e ocupando os espaços públicos parece ser algo ainda não muito bem digerido pelos homens que participaram dessa entrevista. Mesmo que elas estejam no espaço público, existe uma tendência a querer ditar de que forma elas devem se comportar, como vimos nas palavras de Elias, e também nas palavras de Diogo diante do grupo de homens, de que meninas novas poderiam se comportar melhor, utilizando como base as idades entre 13 e 14 anos. Meninas que estão duplamente transgredindo os limites, pois são crianças e são mulheres, portanto, devem ser submissas ao poder do patriarca (Suárez y Arroyave, 2009).

Diogo por diversas vezes, durante os encontros nos quais esteve presente, demonstrou posturas condizentes com o sistema patriarcal, reforçando a ideia de que as mulheres e as crianças devem ser submissas. Em vários momentos ele insistiu em falar sobre como as coisas eram certas antigamente, quando os pais tinham total controle sobre os filhos, mesmo que o assunto nada tivesse a ver com o tema do grupo. Isso nos leva a lembrar das questões analisadas anteriormente, de que a forma violenta de reagir por parte de Diogo poderia ser um

enunciado constante em sua vida, originado em uma infância com castigos violentos que atualmente ele vê como positivos. A transgeracionalidade de algumas práticas familiares pode ajudar a compreender o porquê da atitude violenta de Diogo com sua companheira. Esse conceito, resumidamente, fala sobre como as práticas familiares são transmitidas de uma geração para a outra, influenciando diretamente na forma como a pessoa se comporta no sistema em que se encontra atualmente inserida, em uma repetição que geralmente não é percebida por ela (Camicia, Silva & Schmidt, 2016; Villas Boas, 2013).

O olhar de Júlio sobre a mulher seguiu um padrão bastante diferenciado dos outros dois participantes. Ele em nenhum momento falou sobre igualdade, ou sobre as conquistas das mulheres, não buscou fazer nenhuma comparação entre homens e mulheres. Suas participações no grupo, apesar de espalhafatosas por ele ser uma pessoa bastante aberta e comunicativa, eram pouco reflexivas, e ele compareceu a poucos encontros. Portanto, a entrevista foi minha base principal para compreender a forma de ele pensar, e aparentemente, ele não buscou esconder o que de fato pensava.

Primeira coisa é fragilidade. Emotiva. (...) Tem várias que não são, tem várias, mas são muito poucas assim, dentro da quantidade de amigas e de mulheres que eu conheço as que são assim extremamente determinadas e bem mais fortes assim emocionalmente são poucas. A maioria delas se desestrutura com pouca coisa. Por isso eu acho elas frágeis e emotivas. – Júlio.

A dualidade do sexo e do gênero é o que inicia as distinções entre homens e mulheres que são naturalizadas, como se fossem parte intrínseca do sexo masculino ou feminino. A mulher é sempre colocada no lado que não detém o poder, e algumas de suas principais características são justamente a sensibilidade, a emotividade e a passividade (Cortez & Souza, 2008). A forma como Júlio diz ver a mulher está completamente atrelada às características historicamente atribuídas às mulheres como se naturais fossem. No momento

posterior à entrevista, questioneei-me se a visão de mulher como frágil e emotiva teria sido o que motivou a atitude de Júlio, a violência sexual. Posteriormente, na análise de dados, vi que a questão não se encerrava aqui.

Ficou claro que Júlio possui visões sobre gênero bastante alinhadas com aquelas historicamente apreendidas como sendo de homens e de mulheres, como veremos mais para a frente nessa categoria, ao abordar a masculinidade. Dessa forma, como explicitado por Machado (1998), o imaginário da sexualidade feminina transita entre as posições de sedução e impureza, de recusa e pureza, o que significa que a mulher é concebida como aquela que se esquiva para oferecer, que diz não querendo dizer sim. É o próprio homem que determinará o caráter de impura e sedutora (ou o contrário) para uma mulher. E o espaço público, vazio, ou baldio, é naturalmente concebido como o lugar das mulheres “não direitas” (Machado, 1998). A violência sexual cometida por Júlio ocorreu em um espaço vazio, com uma mulher que ele desconhecia:

Foi num ambiente externo. Uma violência sexual. (...) Era uma outra mulher, uma mulher estranha. (...) Pelo momento ali pela... pela... oportunidade (...) Ela estava sozinha, num lugar que estava escuro, tava meio, bem deserto. E aí de repente eu pensei essa idiotice por conta de olhar ao redor e achar que tudo estava propiciamente colaborando para que eu pudesse fazer algo. – Júlio.

Como discutido também na categoria anterior, existe a naturalização de um imediatismo sexual por parte do homem, que o leva a acreditar na disposição do corpo das mulheres para a sua satisfação. O exercício da virilidade como capacidade reprodutiva e sexual e como exercício da violência também podem ter tido papel crucial nas motivações para a realização do ato de violência, uma vez que a recusa da esposa o impedira, em partes de exercer sua virilidade (Bourdieu, 2014; Suárez y Arroyave, 2009). Segundo Machado (1998), o ato de apoderar-se do corpo da mulher também constitui a virilidade masculina, e é

por meio do ato de estupro que o homem reafirma não apenas a sua sexualidade como o lugar de iniciativa e de apoderamento do corpo do outro, mas também o domínio dos homens sobre as mulheres (Machado, 1998). Dessa forma, observando-se não apenas a forma como Júlio descreveu sua visão sobre o gênero feminino, mas também a forma como ele deu sentido à situação na qual encontrou sua vítima, é possível perceber que a visão de mulher como dominada, como submissa, como passiva, constitui suas motivações para a violência sexual. Diante da negativa da esposa ele subjugou outra mulher, como uma forma de reafirmação do seu poder, e também como uma forma de reafirmação de sua masculinidade.

Sobre a masculinidade, Júlio já iniciou a entrevista individual com a seguinte fala: “Pra eu falar profundamente sobre os meus sentimentos eu não tenho facilidade”. Os processos culturais que desde cedo buscam diferenciar o homem e a mulher, descritos por Bourdieu (2014), Boris (2011) e Suárez e Arroyáve (2009), parecem aqui ter sido bastante efetivos. Falar sobre si, sobre os próprios sentimentos e sensações, são características reconhecidamente de mulheres, e não de homens. A situação a relatar pode ser da mais simples até a mais complexa, mas o falar sobre os sentimentos é uma prática para a qual as mulheres são treinadas desde a infância, e os homens são completamente desencorajados. Na verdade, são encorajados a se diferenciar o máximo possível, que escolham seguir o modelo duro, distanciado e frio que é oferecido pelo pai desde cedo (Boris, 2011).

Ele (o homem) é a parte do amparo ali né. É o muro de sustentação né, eu acho que é o pilar. O homem é o pilar de sustentação. Tem que ser forte, tem que ser provedor, tem que ser companheiro e... o homem é papel do homem, eu vejo o homem e tem que ser assim. – Júlio.

Da mesma forma, sua visão sobre o homem está amparada em categorias históricas que perduram desde a Antiguidade sobre o papel do homem, como o provedor, como aquele que sustenta e comanda a mulher e as crianças, bastante de acordo com o patriarcado (Suárez

& Arroyave, 2009). Sua visão sobre o masculino não difere muita coisa da visão de Elias, que trouxe à tona principalmente o papel do homem como trabalhador:

O homem ele tem que ter aquela responsabilidade que a palavra já diz ‘homem’ né, pra mim eu falo, ao conversar com meus filhos ‘homem tem que ser bicho macho’, (...) o bicho macho ele tem que trabalhar (...) ele não pode é ficar parado. Homem tem que ser gerador. É nesse sentido que eu falo. – Elias.

Ambos compreendem o homem como gerador, dentro de uma perspectiva patriarcal que perdura há muitos anos. Elias, tanto no grupo quanto na entrevista, utilizou diversas vezes o termo “bicho macho”, que é utilizado por ele para conversar com os filhos homens sobre precisar arrumar um emprego e não ser preguiçoso.

Entretanto, em oposto à feminilidade, o grupo teve um movimento bastante interessante ao refletir sobre as práticas da masculinidade, que foi uma das principais propostas do semestre. As facilitadoras investiram em trabalhar os sentimentos, as emoções, as sensações, a masculinidade tóxica e a auto percepção entre os membros, o que originou momentos bastante interessantes:

Alguns demonstram sentimentos de reconhecimento quando às pressões sociais sobre os homens para que sejam fortes e não demonstrem emoções. No grupo, reconheceram a necessidade de falar sobre como se sentem, admitindo que isso não denota fraqueza. – Diário de campo, na observação do grupo.

Lauro diz que o conceito de homem provedor é ultrapassado, que hoje acontece até o contrário. ‘É uma base antiga, um fator cultural que vem mudando’. – Diário de Campo, na observação do grupo. Lauro disse isso em resposta a Elias, que estava falando coisas bastante semelhantes ao que me disse na entrevista sobre o “bicho macho”.

Anderson diz que o homem tem o lado masculino e o feminino, a vaidade, se vestir, se arrumar etc. É comum relatos entre o grupo de homens reconhecerem a vaidade como ‘coisa de mulher’ ou ‘de bicha’. – Diário de Campo, na observação do grupo.

Os encontros no grupo permitiram pensar a masculinidade como um projeto, conforme definido por Connel (1997), envolvendo encontros dialéticos com instituições e forças culturais, um projeto em constante reconstrução. Muitos homens entraram de maneira bastante fechada no grupo e, ao final, demonstraram clara evolução em sua forma de perceber o mundo e se portar diante de situações relacionadas ao papel do homem na sociedade. Mas é sempre importante lembrar que isso não significa que as mudanças ocorreram para todos, ou que foram homogêneas. Por meio da linguagem em uso no grupo, os diálogos e atividades propostos, cada um produziu de acordo com seu contexto fora daquele grupo, que é algo bastante amplo para se analisar (Spink & Medrado, 2013).

Agora, seguimos a análise com a categoria “violência”.

3. Violência

Nessa categoria, buscarei agrupar os principais pontos trazidos pelos homens participantes com relação ao tema da violência.

Para iniciar, é importante recordar o conceito de violência simbólica apresentado por Bourdieu (2014): é a naturalização, por parte dos dominados, de categorias construídas pelos dominantes sobre a relação de dominação estabelecida. Essa naturalização acontece, pois, como dominado, este dificilmente dispõe de recursos para pensar sua condição que não sejam os recursos em comum com o dominante, de forma que a violência simbólica é pouco perceptível no plano objetivo, apesar de suas consequências serem bastante claras. Diferentemente da violência física que ocorre de maneira objetiva e tem consequências objetivas, a violência simbólica ocorre de maneira subjetiva, e aí reside outro fator que

dificulta a sua percepção. Ela consiste em grande parte na visão desvalorizada do dominado, que é uma categoria construída pelo dominante e que acaba sendo naturalizada pelo próprio dominado, como o exemplo citado por Bourdieu, no fato de que as mulheres desvalorizam e depreciam as características naturais dos próprios corpos em nossas sociedades.

É importante retomar esse conceito aqui, pois foi possível perceber em alguns pontos as sutilezas da violência simbólica nas três entrevistas realizadas.

Os primeiros pontos em que a violência simbólica surgiu com bastante clareza, foram quando Elias e Diogo falaram, em trechos que já foram mostrados anteriormente, sobre a forma como as mulheres devem se comportar, dizendo coisas como “se deixaram perder muito o valor”, ressaltando que as mulheres são o “sexo frágil”, que hoje em dia elas estão “igual uma cascavel, se enrola para dar o bote”. Em todos esses contextos, percebemos categorias que não são apenas de Diogo e de Elias, são um consenso geral na sociedade como algumas das formas para desqualificar a mulher. Afinal, desde sempre ouvimos afirmações de que as mulheres são como serpentes, de que elas são o sexo frágil e precisam ser protegidas, que uma mulher que não se veste e não se comporta da devida maneira perde o seu valor. O que seriam esses termos se não uma sutil demonstração da violência simbólica enraizada na sociedade?

Júlio cometeu uma violência sexual, e não demonstrou dificuldade nenhuma em reconhecer que seu ato consistia em um ato de violência. Quando questionado sobre os motivos que o levavam a estar ali, cumprindo medida, ele respondeu: “Uma violência sexual.”. Entretanto, em seu caso, como já discutido em categorias anteriores, fica evidente que a sua visão sobre a mulher era de alguém com valor inferior, que não poderia negar a realização de seu desejo, e que não poderia estar andando sozinha na rua à noite, em um lugar deserto. E em seu caso, a visão de dominante teve total influência sobre as atitudes tomadas.

No caso de Diogo, como anteriormente explicado, ele reconheceu ter sido violento com a companheira no passado, quando a coagiu por meio do uso de uma faca. Entretanto, o motivo que o levou até o cumprimento da medida no CENFOR, segundo ele, não teve violência.

(...) aí comecei a falar umas verdades pra ela né, não assim, faltando com respeito ou desmoralizando a pessoa dela, mas assim, questão de que ela tem uma menina e se ela fosse uma pessoa de responsabilidade ela, a filha dela, não tava morando com a avó, tava morando com ela, aí comecei a jogar umas coisas realmente pra ela, ela não aceitou, e ela ficou 'p' de raiva, mas brava mesmo! – Diogo.

(...) simplesmente foi umas verdades que, tipo assim, quando você realmente tá de bem com a vida, entre aspas dizendo, assim, você realmente aceita algumas verdades de boa, mas quando você está igual uma bomba a ponto de explodir, qualquer verdade de um relacionamento acaba com o teu coração, na tua vida, no teu ouvido, cê fica mais pipocando, mais nervoso ainda, por quê? Porque às vezes a verdade dói. – Diogo.

Alegar ausência de responsabilidade por não ter cuidado da filha, não é considerado por Diogo como uma forma de desrespeito ou de desmoralização com a sua esposa. Ele possivelmente tinha o conhecimento dos motivos dela para ter deixado a filha sob os cuidados da avó, mas ainda assim utilizou disso como uma forma de atingi-la. Apenas a esposa de Diogo poderia dizer-nos o significado que essa atitude teve para sua vida, e as informações que tenho não me permitem divagar sobre o assunto. Mas diante das informações trazidas por Diogo, percebi que ele falou sobre atitudes pessoais da mulher, desqualificando as decisões por ela tomadas, e ainda assim, esperava que ela ouvisse em silêncio, que não reagisse com raiva ou que não buscasse rebatê-lo de alguma forma.

Segundo Schaiber et al. (2005) a violência de gênero ocorre não apenas pelas características

de exercício da masculinidade anteriormente vistas, mas também devido às formas de perceber o exercício da feminilidade, que também já foram discutidas anteriormente. Agressões físicas, psicológicas, morais; ameaças; assédio, abuso e agressão sexual são formas que a violência de gênero pode tomar, tanto no ambiente privado (violência doméstica) quanto no público. A violência cometida por Diogo contra sua companheira nesse caso consistiu uma forma de violência psicológica e até mesmo moral, entretanto, ele demonstra dificuldades em perceber dessa forma. Durante a entrevista, por diversas vezes Diogo ressaltou que a relação com sua esposa, enquanto ainda estavam separados (período da denúncia), consistia em constantes trocas de palavras desagradáveis: “A gente se separou, e a gente não podia realmente muita das vezes era ficar falando por telefone, porque realmente a troca de palavras sempre tinha, vice-versa.”. As trocas eram tantas que eles evitavam falar ao telefone, portanto, o relacionamento possuía uma dinâmica bastante violenta nesse período.

Elias, por sua vez, analisando o contexto de violência na relação com a ex-companheira, que foi a responsável por realizar a denúncia que o levou a cumprir medida no CENFOR, admite que existia violência verbal na relação, mas responsabiliza a mulher por completo:

(...) De violência física esses negócio não. Acontece é bate-boca, acontecia bate-boca, e mais pelo lado dela. (...) Ameaça, esses negócio... Xingamento de ambas as partes né, às vezes, mas sempre mais por ela. Muitas coisa assim, nomes palavreados feios, esses negócio, parece que entrava uma outra pessoa dentro do corpo dela, um espírito nela que ela se soltava mesmo, assim, era uma coisa medonha mesmo. – Elias.

Apesar de admitir em alguns poucos momentos que bebia, que discutia bastante com a esposa na época que ainda estavam casados, Elias joga a responsabilidade das brigas todas para cima dela, utilizando de um problema de tireoide que diz que ela possuía para justificar o fato de ela ser “nervosa”:

E pode ser também pela doença né porque ela ficava muito nervosa qualquer coisa. Chegava na época da TPM então, essa mulher ficava doida. E aí ela tinha esse quesito de... não que eu não aprontasse também, né? Não tô julgando só ela. Aprontar que eu falo assim, saía, bebia, às vezes não vinha pra casa, esse negócio todo, aí sempre tinha esse negócio, tá? – Elias.

Mesmo sem o conhecimento sobre até que ponto esses relatos são verdadeiros, é possível perceber na entrevista de Elias uma série de manobras de poder utilizadas no universo patriarcal e machista no qual estamos inseridos, como forma de desqualificação da mulher, de seu espaço de fala e de suas reações emocionais (Suárez & Arroyave, 2009). Formas de violência simbólica, por meio da desqualificação feita pelo dominante e incorporada pelo dominado (Bourdieu, 2014).

Mas, é importante ressaltar que, para essas produções sobre a violência existirem, uma série de vivências e influências externas trabalharam em conjunto, criando as formas de construir sentido que movem as ações e reações destes homens em seus contextos de vida.

Como falado em categorias anteriores, Diogo vivia em um contexto familiar no qual as surras eram as principais formas de correção para as atitudes erradas de uma criança.

Às vezes minha mãe corrigia, quando ela não corrigia batendo ela colocava a gente de joelho, sabe como é que é coisa, história do interior né. Então graça deus é... dar graça a deus por tudo isso. (...) Era só quando a gente merecia mesmo, só quando a gente às vezes extrapolava demais. – Diogo.

Diogo hoje demonstra concordar com os castigos físicos, reconhecendo que eles apenas ocorriam quando ele merecia, mostrando mais um indício de transgeracionalidade, uma vez que, se ele concorda com a violência cometida contra ele, maior a chance de repeti-la. Entretanto, os castigos ficaram marcados em sua história, tanto que ele os trouxe à tona quando questionei-o se o irmão mais velho ajudava no *cuidado* com os irmãos mais novos. É

como se a punição física estivesse atrelada ao cuidado em sua forma de produzir sentido. Levando em conta a perspectiva de Vygotsky, segundo Duqueviz (2017), duas palavras com significados amplamente distintos, foram relacionadas por meio das experiências, integradas nas dimensões afetiva e cognitiva, produzindo assim a relação entre um e outro.

Júlio, por sua vez, presenciou diversas cenas de violência doméstica cometida pelo pai contra a mãe:

Eles (pai e mãe) brigavam. (...) Às vezes tinha (agressão física). Eu presenciei umas duas, ela (mãe) não conseguia revidar. (...) Eu intervi quando eu tinha sete anos. (...) Meu pai me bateu, me deu um tapa. (...) Mas depois daquele dia... aí ele passou a não significar mais. Era só uma pessoa ali que trazia as coisas pra casa, me ensinava alguma coisinha ou outra, mas depois daquilo lá mudou, não tinha mais. Algo mudou ali, depois daquele dia. – Júlio.

O pai agia violentamente não apenas com a mãe, mas também com o filho, reafirmando seu poder patriarcal sobre a esposa e as crianças da casa (Suárez & Arroyave, 2009). Aqui, também cabe uma relação com o conceito de transgeracionalidade, pois, apesar de Júlio dizer durante a entrevista não acreditar que esses fatos influenciem em sua forma de ver os gêneros masculino e feminino, em minha observação, parece haver sim uma influência. Júlio ressaltou que sua mãe não conseguia revidar, o que condiz com sua visão das mulheres como “frágeis e emotivas”. Como ressaltado anteriormente, as visões sobre gênero de Júlio são bastante condizentes com as perspectivas clássicas de “homem provedor” e “mulher submissa, sensível e frágil”, e este parece ser um padrão que o acompanha desde a configuração familiar inicial, que aparentou ser constituída em relações de violência e dominação características do patriarcado, onde o homem é superior e autoritário sobre os demais integrantes da família (Camicia, Silva & Schmidt, 2016; Suárez & Arroyave, 2009; Villas Boas, 2013).

Já Elias, demorou para conseguir verbalizar com clareza a forma como a violência estava emaranhada em seu contexto social. Em um dos últimos encontros do grupo do semestre, apenas Elias compareceu, e eu realizei atendimento individual com ele juntamente com uma das facilitadoras do grupo. Nessa ocasião, ele demonstrou sua preocupação com os filhos e com a família, bem como revelou-nos, superficialmente, que costumava viver em contextos de violência constante entre homens, em “farras” como ele chamava, nas quais as brigas entre os homens eram gratuitas.

Atualmente, ele apresenta sentimentos de ansiedade com relação ao temor de que seus filhos vivam as mesmas situações, e reconhece que pelo menos um deles está completamente inserido nesse contexto. A associação da masculinidade com as ideias de competição e violência desencadeia esses comportamentos entre homens que precisam competir entre si sobre qualquer coisa, e de maneira geralmente violenta. É por questões como essa que dados mostram que homens se envolvem mais em violências, tanto como autores quanto como vítimas (Souza, 2005).

Entretanto, o fato de Elias estar pensando sobre isso e procurando refletir com os filhos a respeito da necessidade da violência para qualquer coisa, mostra que, de fato, a masculinidade é uma construção, baseada nos contextos culturais e sociais que envolvem a pessoa e sobre os quais ela age. Não se trata de uma estrutura estática, como bem vimos: em outro momento de sua vida, Elias estava plenamente inserido nesses contextos violentos, e hoje, por outro lado, ele além de ter se afastado, busca afastar também aos filhos. Diferentes tipos de masculinidade coexistem ao redor da masculinidade hegemônica (Connell, 1995).

Assim, finalizamos esta categoria e seguimos para a próxima, com as minhas impressões sobre diversos pontos da pesquisa.

4. Minhas impressões

Esta se trata de uma categoria diferenciada das demais nesta monografia. Aqui, buscarei analisar algumas impressões que tive durante a realização das entrevistas, as observações dos encontros do grupo e a análise de dados, que não caberiam em nenhuma categoria por não terem sido assuntos tratados durante as entrevistas, ou durante os encontros do grupo. Foram coisas que eu percebi no campo, e coisas que acredito terem tido impacto significativo nos resultados.

Primeiramente, a abordagem dos participantes ocorreu no CENFOR, e as entrevistas ocorreram no mesmo local. Na oportunidade, foi esclarecido que eu era uma aluna de Psicologia sob a supervisão do professor Leonardo, que os homens participantes também sabem ser o coordenador das atividades do grupo reflexivo, e portanto, o responsável por assinar os relatórios ao final do processo, que serão enviados para a justiça e que terão grande influência no andamento do processo jurídico ao qual respondem.

Foi possível notar após a realização das entrevistas uma discrepância bastante grande nas falas de Diogo. Nas reuniões do grupo, Diogo mostrou-se bastante contrário à Lei Maria da Penha, além disso, apresentou uma visão bastante dicotomizada sobre as diferenças entre os gêneros masculino e feminino, algumas vezes com comentários até mesmo misóginos. No dia em que as facilitadoras realizaram com o grupo um exercício para que cada um deles relembresse de alguma mulher que foi muito importante para eles, Diogo foi o único que fez questão de trazer não apenas uma mulher, mas também um homem.

Diogo diz que o homem ‘não pode ver um rabo de saia’, que não pensa em dizer não para uma mulher que demonstre interesse independente de ela fazer seu tipo ou não, pois homem não pensa sobre ser ou não o seu tipo, que homens são sempre mais diretos e agressivos. Segundo Diogo, não dizer ‘não’ é natural do homem, pois ele sempre quer ficar com uma mulher, seja qual for. ‘A gente vê menina de 13, 14 anos,

bem bonita, que poderia se comportar melhor (...) A mulher hoje tá igual uma cascavel, ela se enrola, se enrola para dar o bote'. – Diário de campo, na observação do grupo.

Diogo fez questão de ressaltar que tem uma heroína e um “heróiNO” (sic), sua mãe e seu irmão. – Diário de campo, na observação do grupo.

Diogo e Elias uniram-se no discurso contra a Lei Maria da Penha, utilizando exemplos de homens que eles conhecem que apanharam da mulher. – Diário de campo, na observação do grupo.

Na entrevista individual, entretanto, Diogo trouxe uma visão bastante diferente, que não condizia com a postura tomada no grupo:

Então a bíblia nos instrui que a mulher é uma ‘dijuntora’. Uma ‘dijuntora’ pra ser amada, pra ser zelada e vice-versa, mas não pra ser uma propriedade, entendeu? E tem muitos homens que acham que a mulher é propriedade peculiar dele, e não é. Ela é apenas a sua companheira, a sua esposa, mas não propriedade. – Diogo.

Porque quando eu olho pro sexo feminino eu olho pro lado masculino, cê tem que olhar para os dois lados. Porque onde há imperfeição no lado masculino também há imperfeição no lado feminino porque ninguém é perfeito, né, nós temos os nossos erros. Porque eu tenho meu erro, a minha fragilidade, às vezes você já tem outra fragilidade, não é a mesma, mas tem a mesma coisa. – Diogo.

O conceito de deseabilidade social pode servir como explicação para as respostas diferentes em diferentes contextos. Esse conceito diz respeito à tendência das pessoas a modificar sua resposta a determinada questão, então, uma resposta que, se verdadeira, poderia ser socialmente indesejada, é modificada para que ela se torne aceitável naquele contexto em específico (Gouveia et al., 2009). Pareceu-me que Diogo estava adequando suas respostas,

por imaginar que elas teriam alguma influência no relatório final, portanto, ele estava agindo de acordo com a desejabilidade social.

Elias, por sua vez, durante o grupo parecia sempre encontrar uma forma de atacar as mulheres, apontando seus erros e problemas mesmo quando a questão trazida pelas facilitadoras era relacionada aos homens apenas:

As facilitadoras pedem para que os homens deem exemplos sobre a masculinidade tóxica relatada no vídeo assistido no último encontro. Elias diz que viu o rapaz agredindo uma mulher e que tentou defendê-la, mas ela defendeu o agressor. Diz que isso foi um exemplo de masculinidade tóxica pois o homem optou por agredi-la ao invés de conversar, mas acaba focando na atitude da mulher de defender o agressor. Elias sempre acaba trazendo alguma situação em que a mulher possa ser culpabilizada, o que leva a refletir sobre os motivos reais de ele estar nesse grupo. – Diário de campo, na observação do grupo.

Na entrevista individual, entretanto, quando inquirido diretamente sobre as questões de gênero, Elias teve uma postura de exaltar as características femininas e diminuir as masculinas:

Mas é o que você mais vê hoje é isso daí, é o pessoal mais lerdo, você vê (a mulher) mais ou menos trabalhando, mais à procura de emprego, à procura de formação, o homem já não, o homem é mais é farra, tá entendendo, diversão, é aquele negócio não que a mulher não tenha, mas a mulher procura mais as responsabilidades primeiro do que o homem. O homem tem uma farra e tá dentro, não quer saber se tem dinheiro se não tem, entendeu. – Elias

Dessa forma, tanto Elias quanto Diogo apresentaram indícios de desejabilidade social em suas respostas, o que não impediu por completo de perceber isso e analisar seus pensamentos em diferentes contextos. É aí que reside a polissemia das práticas discursivas,

que dizem respeito às formas de posicionamento das pessoas em seu cotidiano. As práticas discursivas não obedecem a regularidades, e ocorrem na prática social, na interação com outras pessoas, em contextos diferentes (Spink & Medrado, 2013).

As diferenças nas respostas também podem ser explicadas por eu ser uma mulher e estar apenas eu e o homem participante na sala durante a entrevista. No grupo, possivelmente devido à presença de muitos homens, que em alguns casos (como o citado de Diogo e Elias) uniam-se em um discurso contrário ao das facilitadoras, eles podiam se sentir mais à vontade para falar exatamente aquilo que pensavam, pois se sentiam apoiados por outros. No contexto da entrevista individual, eram apenas eles e eu, uma mulher, realizando uma pesquisa com homens e buscando compreender suas formas de perceber as questões de gênero. Certamente isso teve algum tipo de influência sobre suas respostas.

Outra questão importante de ressaltar foi a dificuldade existente em Elias para falar sobre seus sentimentos. Embora todos tenham falado ou demonstrado em alguma medida durante as entrevistas essa dificuldade, o caso de Elias chamou mais atenção pois ele não se restringiu à entrevista, a dificuldade era evidente até mesmo durante as reuniões do grupo. Enquanto os outros homens conseguiam falar de si, dos sentimentos e da forma como os experienciavam no corpo, Elias trazia sempre um exemplo concreto, pois parecia ter uma dificuldade, ou um bloqueio, para falar sobre coisas mais abstratas. Levando em conta a forma de socialização que desencoraja os homens a práticas consideradas como femininas como falar sobre sentimentos (Boris, 2011), acredito que Elias tenha esse bloqueio devido a sua socialização, mas também a outras questões pessoais que não entramos no mérito, pois não havia espaço para isso durante a entrevista. Afinal, até mesmo nas reuniões do grupo, suas dificuldades mostraram-se mais intensas que as de todos os outros homens:

Todos conseguiram falar com certa facilidade sobre como sentiam, exceto Elias e Miguel. Este último parecia sempre repetir o que ouvia dos demais, enquanto Elias

demonstrava dificuldades em compreender as perguntas feitas, oferecendo respostas que não faziam sentido de acordo com a pergunta. Fiquei pensando se ele de fato tem alguma dificuldade em compreender, se tem uma dificuldade extrema em perceber as próprias emoções (o que é bem provável), ou se procura evitar entrar em contato com essas questões, para evitar falar algo que não queira falar sobre. – Diário de campo.

Após nossa última entrevista individual, na qual Elias conseguiu explorar, embora ainda muito pouco, levemente melhor do que consegue explorar em grupo as próprias sensações e sentimentos, eu pensei que talvez psicoterapia fosse ser bastante efetiva para ele.

Apesar disso, é evidente o quanto o grupo beneficia os homens que dele participam de alguma forma. Nos encontros finais, os participantes começaram a trazer à tona os benefícios e mudanças que tinham percebido em si mesmos após o semestre de participação no grupo.

Cássio diz sentir que está com maior facilidade para falar sobre si mesmo, diz que costuma comentar com os amigos que toda sexta-feira vem para os encontros do grupo. Lucas diz ter sido criado de uma forma ‘que trouxe preguiça para o raciocínio’, mas que aquilo que ele vê no grupo é ‘uma oportunidade de refletir, raciocinar’. – Diário de campo, na observação do grupo.

As diferenças foram perceptíveis. Na segunda semana de grupo, houve princípio de tensão entre dois participantes: Lucas e Júlio. Lucas reagiu de maneira ríspida ao convite de Júlio para que criassem um grupo no *Whatsapp*, rechaçando a ideia de forma agressiva. A reação dele causou um desconforto em mim como observadora, e pensei que Lucas seria um dos participantes com maior resistência. Entretanto, ao final, ele não apenas era um dos membros mais participativos, como também um dos que demonstrava maior facilidade para falar de si e de seus sentimentos. Elias, que recebeu o relatório para a justiça um mês e meio antes do término do grupo, decidiu que, mesmo sem a demanda jurídica, continuaria a frequentar aquele espaço até o final do semestre.

Entretanto, nem todas as resistências foram quebradas. A resistência de alguns participantes em relação à Lei Maria da Penha, por exemplo, perdurou, ao menos até o ponto em que acompanhei. A sensação de injustiça não deixou de existir, pois tanto Diogo quanto Elias continuavam a sentir que não tinham sido ouvidos pelos agentes da Lei, e então, chegaram até ali de forma injusta. Nos relatos de ambos, apareceram momentos em que os agentes da Lei agiram de maneira questionável diante das mulheres que apresentavam as denúncias:

Eu conversei até com um agente lá e ele falou ‘rapaz cê quer um conselho? Cê pode dizer mil e uma palavra (sic) aqui, ela diz uma e arrebenta com a tua vida’. O sexo feminino é isso aí. – Diogo

Aí quando chego lá (na delegacia) ela simulou que tinha uma mancha roxa, aí o delegado simplesmente virou pra ela assim ‘não, isso não é de hoje, essa mancha... a senhora quer ser presa?’, tá entendendo? ‘Se o Elias ficar aqui ele vai pagar uma fiança mínima e vai sair, e você vai continuar, tá entendendo? Essa mancha não é de hoje...’. – Elias.

Sem entrar no mérito sobre as situações de violência serem verdadeiras ou não, as posturas relatadas pelos participantes abrem questionamentos sobre o quão preparados os agentes da Lei estão para lidar com mulheres vítimas de violência. Considerando que o delegado, no caso de Elias, desconhecia a história do casal, ele não tinha como saber se a mancha roxa se devia a uma violência física ou não, independentemente de ser uma mancha originada naquele mesmo dia. Já no caso de Diogo, o agente demonstrou uma postura prévia de considerar que a mulher “acabaria com a vida” do homem com apenas uma palavra, estivesse ela mentindo ou falando a verdade.

Quando se reflete sobre isso, percebe-se que mesmo com os avanços feministas no Brasil, relatados por autoras como Louro (1997), Schaiber et al. (2005), Oliveira (2017) e

Bandeira (2009), o atendimento à violência de gênero ainda sofre com o despreparo de parte das pessoas envolvidas. Uma mulher vítima de violência, que chega fragilizada a um serviço e encontra posturas resistentes como a do delegado relatado por Elias, ou o agente relatado por Diogo, provavelmente não sentirá que tem qualquer suporte para seguir em frente, e poderá desistir de procurar por seus direitos.

Talvez por eu ser uma mulher, pequenos momentos como os últimos citados tenham tomado grande parte da minha atenção durante a pesquisa, pois é inevitável, enquanto mulher, pensar nas situações difíceis que enfrentamos na busca pelos nossos direitos, e também nas situações regulares dia-a-dia, nos espaços públicos e também no espaço privado.

Um dos momentos mais difíceis da pesquisa foi quando, de maneira bastante inesperada, descobri que estava entrevistando um homem autor de violência sexual. A ideia inicial era de que a medida que ele cumpria fosse resultante de qualquer outro tipo de violência prevista na Lei Maria da Penha, exceto a sexual, portanto, apenas no momento da entrevista, quando ele mesmo disse ter cometido uma violência sexual, que eu percebi o engano cometido. Apesar de eu ter conseguido seguir tranquilamente com a entrevista, sem maiores problemas, posteriormente, eu pensei durante muito tempo na mulher vítima da violência sexual cometida por Júlio. Eu não consegui deixar de pensar sobre como a vida dela poderia estar atualmente, sobre como poderia ter ficado após a violência, sobre o que ela havia sentido no momento, pois certamente havia sido um acontecimento totalmente inesperado em sua vida: ela era apenas uma mulher sozinha, em um espaço pouco movimentado. Ela não conhecia Júlio, portanto, logicamente não deveria esperar nada dele. Ainda assim, sofreu, como se estivesse errada em frequentar um local público na hora em que desejasse, como se estivesse errada em ser uma mulher e andar sozinha na rua, como se aquele espaço não fosse dela também.

Ao mesmo tempo, a pesquisa foi uma experiência gratificante. Apesar das dificuldades existentes por eu ser uma mulher, foi interessante poder ouvir e tentar compreender a forma destes homens de dar sentido às situações vivenciadas. As entrevistas e os encontros do grupo trouxeram um ângulo de visão diferenciado para a minha vida ao observar o fenômeno da violência de gênero, levando em conta todo o contexto histórico, social e cultural que influencia diretamente nas atitudes de uma pessoa. Na minha percepção, os grupos reflexivos são ferramentas bastante úteis de mudança, pois são uma oportunidade para gerar incômodos nas pessoas, relacionados a questões que na regularidade do dia-a-dia dificilmente seriam objeto de qualquer reflexão, por serem naturalizadas. O que percebi foi que a todos os participantes o grupo atingiu de alguma forma, e que ninguém saiu dali da mesma forma que entrou.

Considerações finais

A proposta inicial deste trabalho enquanto projeto de monografia era um tanto quanto diferente do que ele veio a se tornar. A ideia geral era a mesma, mas suas formas de execução tinham sido delineadas de maneira diferenciada. Pensamos inicialmente em inserção em um dos Núcleos de Atendimento às Famílias e aos Autores de Violência Doméstica (NAFAVDs) do Governo do Distrito Federal, espaços nos quais eu teria a oportunidade de entrar inicialmente como facilitadora do grupo, favorecendo uma criação inicial de vínculo e desde já trabalhando questões relacionadas ao tema da monografia. Também teria a oportunidade de fazer entrevistas individuais, sobre as quais eu poderia escolher melhor os participantes, uma vez que os NAFAVDs atendem um número maior de pessoas que o CENFOR do UniCEUB. O ambiente do NAFAVD e minha forma de inserção lá também facilitariam a utilização do método cartográfico e da análise do discurso Foucaultiana para as informações construídas no campo, que era o plano inicial.

Entretanto, devido a questões de rotina não pude realizar a pesquisa nos NAFAVDs, pois seus horários de funcionamento não coincidiam com meus horários disponíveis no dia-a-dia. Dessa forma, optamos pela opção dos grupos do CENFOR, contudo, lá não seria possível utilizar a metodologia prevista, devido ao ambiente diferenciado. Primeiramente, existia a diferença de público, pois o NAFAVD recebe homens autores de violência doméstica e familiar tipificada na Lei Maria da Penha, e o CENFOR recebe não apenas estes, mas também autores de violência sexual. Além disso, as pessoas que lá chegam são de localidades variadas do Distrito Federal, enquanto o NAFAVD tem uma característica mais regional, e no início do semestre tínhamos dúvidas sobre quantos homens seriam engajados no grupo do CENFOR. Também levamos em conta o número de participantes dos grupos para a decisão

de mudança metodológica, porém mantendo algumas características possíveis, como o diário de campo.

Assim, optamos pela mudança do método, passando a utilizar das categorias para construir e analisar as informações trazidas neste trabalho. Por meio destas, foi possível analisar as motivações e os sentimentos posteriores relacionados à violência cometida.

Observou-se que a forma de perceber o papel masculino e o papel feminino entre os participantes ainda se encontra bastante arraigada nas noções históricas sobre as obrigações de cada um do acordo com seu sexo, e que isso influencia em alguma medida nas atitudes tomadas pelos homens e na sua forma de produzir sentido sobre grande parte dos fenômenos que vivenciam. Apesar de, em alguns momentos alguns participantes terem demonstrado um movimento de reconhecer os progressos das mulheres, percebeu-se que esse poderia ter sido um movimento influenciado por questões externas, que não representavam a totalidade de seus pensamentos sobre o papel das mulheres.

Foi possível também perceber que o grupo reflexivo é uma ferramenta bastante efetiva para levar os participantes a pensar sobre questões que, muitas vezes, nunca foram objeto de reflexão. Além disso, chamou atenção a forma como ambos os participantes que frequentavam o grupo por violência doméstica percebiam terem sido injustiçados por não reconhecerem ter cometido um ato de violência.

Com esta última questão, deixo a sugestão para uma futura pesquisa que envolva não apenas o olhar do homem autor de violência, mas também da mulher vítima, analisando a produção de sentido dos dois com relação às questões de gênero e com relação à situação de violência vivida, uma vez que, possivelmente, as percepções da mulher enquanto autora de uma denúncia contra o companheiro (ou ex-companheiro) sobre a situação que a motivou são bem diferentes das percepções trazidas pelo homem que sofreu a denúncia e que está

cumprindo medida. Outra sugestão para pesquisas futuras é realizar um trabalho com um grupo reflexivo de autores utilizando do método cartográfico, com o pesquisador inserido no ambiente do grupo e construindo as informações em conjunto com os participantes.

Referências

- Andrade, V.R.P. (2004). A soberania patriarcal: o sistema de justiça criminal no tratamento da violência sexual contra a mulher. *Revista brasileira de ciências criminais*, 12 (48), 260-290.
- Bandeira, L. (2009). Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil: 1976 a 2006. *Sociedade e estado*, 24 (2), 401-438.
- Boris, G.D.J.B. (2011). *Falas de Homens: a construção da subjetividade masculina*. São Paulo: Annablume.
- Bourdieu, P. (2014). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: BestBolso.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.
- Camicia, E.G., Silva, S.B. & Schmidt, B. (2016). Abordagem da Transgeracionalidade na Terapia Sistêmica Individual: Um Estudo de Caso Clínico. *Pensando famílias*. 20 (1), 68-82.
- Connel, R.W. (1995). Políticas da Masculinidade. *Educação & Realidade*. 20 (2), 185-206.
- Cortez, M.B. & Souza, L. (2008). Mulheres (in)Subordinadas: o Empoderamento Feminino e suas Repercussões nas Ocorrências de Violência Conjugal. *Psicologia: teoria e pesquisa*. 24 (2), 171-180
- Duqueviz, B. C. (2017). *Tecnologias digitais: sentidos atribuídos por adolescentes à aprendizagem de língua estrangeira*. Tese de doutorado, retirada de <http://repositorio.unb.br/handle/10482/23598>.
- Gil, A.C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.

- Gomes, R. (2009). Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. Em Minayo, M.C.S. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis – RJ: Vozes.
- Gouveia, V.V., Guerra, V.M., Sousa, D.M.F., Santos, W.S. & Costa, J.M. (2009). Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne: evidências de sua validade fatorial e consistência interna. *Avaliação Psicológica*. 8 (1), 87-98.
- IPEA (2014). *Tolerância social à violência contra mulheres*. Recuperado em 07 de junho, 2018, de https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf.
- Louro, G.L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis – RJ: Vozes.
- Machado, L.Z. (1998). Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. *Cadernos pagu* (11), 231-273.
- Machado, P.S. (2005). O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. *Cadernos pagu* (24), 249-281.
- Mendes, G., Silva, L. & Souza, M.F. (2017). Gênero e violência contra a mulher. Em Viza, B.H., Sartori, M.C., Zanello, V. (Org.). *Maria da Pena vai à Escola: educar para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher*. Brasília: TJDF.
- Minayo, M.C.S. (2009). Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. Em Minayo, M.C.S. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis – RJ: Vozes.
- Neto, O.C. (2009). O trabalho de campo como descoberta e criação. Em Minayo, M.C.S. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis – RJ: Vozes.

- Oliveira, T.G. (2017). Feministas ressignificando o direito: desafios para a aprovação da Lei Maria da Penha. *Revista Direito e Práxis*, 08 (1), 616-650.
- Saffioti, H.I.B. (2004). *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Santos, B.F. (2017). Os números da violência contra mulheres no Brasil. Retirado de <https://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/>
- Schaiber, L.B., D'Oliveira, A.F.P.L., Falcão, M.T.C. & Figueiredo, W.S. (2005). *Violência dói e não é direito: a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos*. São Paulo: UNESP.
- Souza, E.R. (2005). Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. *Ciência & saúde coletiva*, 10 (1), 59-70.
- Spink, M.J.P. & Medrado, B. (2013). Produção de sentido no cotidiano. Em Spink, M.J.P. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano*. Rio de Janeiro: Cortez.
- Suárez, C.I.G & Arroyave, J.O.R (2009). *Masculinidades, hombres y cambios*. Bogotá: Diakonia.
- Villas Boas, A.C.V.B. (2013). *Violência física contra a criança: fatores de risco e proteção e padrões de interação na família*. Tese de Doutorado. Retirada de <http://repositorio.unb.br/handle/10482/15387>.
- Waiselfisz, J.J. (2015). Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil. Brasília: Flacso Brasil.

Apêndice 1 – TCLE**Centro Universitário de Brasília****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****Gênero e violência doméstica: a produção de sentido entre homens autores de violência****Instituição dos pesquisadores: Uniceub, Brasília.****Pesquisador responsável: Leonardo Mello****Pesquisadora assistente: Aline Fiorenza Loureiro**

Olá! Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa chamada “Gênero e violência: a produção de sentido entre homens autores de violência”, realizada pelo curso de Psicologia do Uniceub. Sua participação é importante para ajudar a compreender melhor os processos envolvidos no ato de violência doméstica, podendo levar a reflexões sobre métodos de prevenção.

Sua participação é voluntária. A pesquisa será feita a partir de conversas entre você e a pesquisadora. Os únicos riscos existentes se referem à possibilidade de você entrar em contato com alguma emoção, e caso isso aconteça, nossa equipe está preparada para te acolher e fornecer a melhor ajuda possível. Os benefícios podem ser: entrar em contato com afetos e emoções suas que podem te ajudar a enxergar o mundo de forma diferente e a refletir sobre questões naturalizadas.

Tudo que você disser será mantido em segredo. As únicas pessoas que entrarão em contato com o que você disser serão pessoas da equipe pesquisadora. Qualquer dúvida pode ser esclarecida a qualquer momento durante toda a pesquisa. Vamos participar?

Eu, _____ RG _____, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor.

Brasília, ____ de _____ de _____

Participante

Leonardo Mello, celular 98270-7822 /telefone institucional 3966-1200

Aline Fiorenza Loureiro, celular 98182-2061/e-mail: alinef.loureiro@gmail.com

Endereço dos responsáveis pela pesquisa:

Instituição: UniCeub.

Bloco: /Nº: /Complemento: SEPN 707/709 – Campos UniCeub – Asa Norte – Brasília – DF – 70790-075

Telefones p/contato: 3966 - 1200

Contato de urgência: Sra. Aline Fiorenza Loureiro

Domicílio: SQN 306 bloco B, apto 402

Bairro: Asa Norte, 70745020, Brasília.

Telefone: 98182-2061